

A CARESTIA ESTÁ DEMAIS!

O trigo sumiu, o pão subiu. Os preços da carne, arroz, feijão sofrem novos aumentos.

A inflação foi de 80 por cento e ameaça saltar a barreira dos 100 por cento.

A carne já virou comida de luxo há muito tempo. Pode ser um quilo de arroz a 30 cruzeiros? O preço do feijão também subiu demais. O pão e o macarrão tinham ficado menos caros porque o governo pagava uma parte do preço da farinha de trigo importada. Depois do "pacotão", Delfim Netto começou a eliminar esse subsídio ao trigo e a primeira consequência foi a farinha desaparecer. A segunda, foi o aumento do preço do pão.

Em 7 de janeiro o cruzeiro foi desvalorizado outra vez frente ao dólar. Sinal de que novos aumentos de preço virão. Já se fala em novo aumento do preço da gasolina. Isso não tem mais parada.

Quando assumiu, Figueiredo prometeu combater a inflação. Já fracassou. O combate à carestia tem que estar nas mãos dos trabalhadores. É hora de união em torno do Movimento Contra a Carestia, que se formou para organizar a luta contra os aumentos de preço e que tem no seu programa a receita efetiva para acabar com a carestia: conquistar um governo que seja do povo.

Governo protege quem comprou dólar

Ernane Galvêas, presidente do Banco Central, nega-se a informar o nome das firmas e pessoas que compraram grandes quantidades de dólar nas vésperas da desvalorização de 30 por cento do cruzeiro, em dezembro passado. Ele sabe quem foi, mas não vai contar, disse. Afirma-se que os especuladores compraram cerca de 7 bilhões de dólares, aumentando de um dia para o outro as suas fortunas. E causando um grande prejuízo à economia, que, no fim, quem vai pagar é o povo.

Entre os grandes especuladores têm sido citados o presidente da Rede Globo de Televisão, Roberto Marinho, que teria comprado 30 milhões de dólares. Também os donos do Jornal do Brasil, do Rio, teriam se beneficiado. O jornal O Estado de S. Paulo, segundo se afirma,

teria, poucos dias antes, convertido sua grande dívida de dólar para cruzeiro, impedindo assim que ela aumentasse em 30 por cento e conseguindo, ao mesmo tempo, que ela se reduzisse em mais de 30 por cento! O governador do Rio, Chagas Freitas, teria comprado 17 milhões de dólares. Segundo o deputado Hélio Duque, as empresas estrangeiras especularam largamente.

Os especuladores só puderam praticar esse assalto contra a nação porque foram avisados antecipadamente pelas autoridades. Assim sendo, não tem sentido mesmo o governo vir agora denunciar os seus protegidos. Com a vantagem de que agora, mais do que nunca, eles estão em suas mãos. Vão fazer tudo o que o seu mestre mandar. Pode não ser nada digno, mas que rende bem, rende.



O que há de novo é o movimento popular

A foto acima é da histórica manifestação de protesto do povo de Florianópolis por ocasião da visita do general Figueiredo. Ela simboliza o traço mais marcante da nova conjuntura política do país, que é a ascensão do movimento popular. Em 1979 mais de 3 milhões de operários foram à greve. Grandes massas

saíram às ruas para exigir melhores salários, combater a carestia, lutar pela anistia e por liberdade democráticas. E para protestar contra os crimes da repressão policial. Tudo isso em meio ao agravamento da crise econômica e política do regime militar. Veja o balanço das lutas e a análise da conjuntura na página 3.

40 mil explorados

Operários da Volks falam de sua vida e sua luta na fábrica. Leia na página 5.

Agressão soviética ao Afeganistão

A invasão da URSS. Os preparativos guerreiros dos EUA. Crise entre as superpotências. Página 8.

A briga dos ministros

No mesmo dia em que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, arrancava do Ministério da Fazenda mais alguns de seus poderes, o dono dessa pasta, Carlos Rischbieter, declarava aos jornais que, se a crise econômica não for controlada até o meio do ano, toda a equipe ministerial deverá renunciar, inclusive o próprio Delfim.

Rischbieter disse que todos os minis-

tros são culpados pelo fracasso do controle da inflação e da crise, menos o presidente Figueiredo. É uma declaração espantosa, porque os ministros foram escolhidos por Figueiredo, este definiu a linha da política econômica a ser seguida. Portanto, é o principal responsável por esta política econômica de fome para o povo. Mais responsável do que Figueiredo só o regime militar que o colocou na presidência.

Editorial

Os ricos que paguem a crise

Em 31 de dezembro o general Figueiredo foi à televisão falar da crise que o país atravessa e pedir ao povo que colabore e demonstre "patriotismo" e "amor pelo Brasil". Pouco depois seu governo dava o golpe final no monopólio estatal do petróleo, entregando todo o território nacional à exploração pelas multinacionais, com participação direta na produção. Patriotismo?

Figueiredo também disse que "não promete ao povo fins de mês sem dificuldades". Como se elas fossem começar agora e ocorressem só no fim do mês... Algumas semanas antes decretara o "pacotão". E o que foi o pacotão, na verdade, senão um meio de jogar o peso da crise sobre o povo?

Ao liquidar os subsídios de alguns gêneros de primeira necessidade, abriu as portas para o aumento de preços (ai estão o sumiço do trigo e o aumento do pão como consequência). Ao decretar a maxidesvalorização do cruzeiro, o governo dá mais recursos aos exportadores de produtos agrícolas e ao mesmo tempo força a nivelção dos preços internos dos alimentos ao nível dos preços internacionais. Se o burguês fazendeiro recebe

mais pela exportação de soja, pelo açúcar etc., o produto no mercado interno acompanha essa elevação.

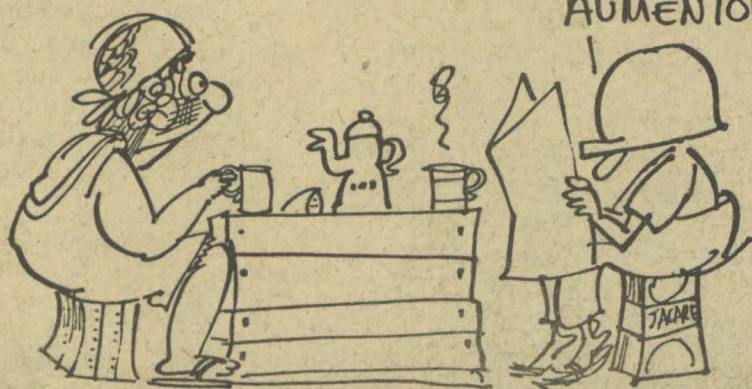
Para pagar a dívida externa com a exportação de alimentos o governo condena o povo à fome. E quem lucra são as multinacionais e os grandes capitalistas brasileiros.

Com os ricos a linguagem é muito diferente: "Aos mais abastados convido a dar o exemplo e dispensar as superfluidades ostentatórias..." Quer dizer: roubem, explorem à vontade, mas não ostentem a riqueza, cuidado que isso pode gerar revoltas!

Neste início de ano o povo está diante de uma perspectiva negra. Este governo, governo dos generais, é o responsável pela grave situação e não pretende mudar de rumo. Cabe ao povo responder à altura — unindo suas forças, organizando-se, lutando pelos seus interesses imediatos e combatendo esse regime de repressão, de entreguismo, de fome. Os ricos criaram a crise. Eles que a paguem.

Henzil

ANINHA,
DIMINUI O
PÃO QUE
O PÃO
AUMENTOU...



Rio violento: querem pôr a culpa no povo

As autoridades querem combater a criminalidade sem resolver os problemas sociais e apenas aumentando a repressão policial sobre o povo.

A imprensa carioca faz uma campanha dizendo que a Cidade de Deus é o esconderijo dos bandidos que vêm sobressaltando o Rio de Janeiro. Fui lá. Um açougueiro me contou: "O meu açougue foi assaltado há um mês. Eram uns cinco, com 16 ou 17 anos, armados de 38. Vieram porque de tarde eu não dei a um deles uma 'perna' (cem cruzeiros) que me pediram para soltar um malandro. Um bocado deles costuma pedir um dinheiro e, quando são conhecidos, a gente dá. Mas num assalto, se a gente atirar num deles, eles voltam para matar".

"A criminalidade envolvendo estas crianças tem aumentado na Cidade de Deus" — diz padre Júlio, que vive ali há dez anos.

Uma manobra imobiliária

A Cidade de Deus foi um projeto do arqui-reacionário Carlos Lacerda, quando era governador da antiga Guanabara. Com verba da Aliança Para o Progresso, transferiu para este bairro distante milhares de favelados, desocupando morros na Zona Sul da cidade para dar lugar a projetos turísticos financiados por capital estrangeiro.

Há apenas 12 escolas para 80 mil moradores. Só três com o primeiro grau completo. E a única que tem o segundo grau e o curso profissionalizante não é gratuita.

As indústrias prometidas não foram implantadas. As famílias que vieram em 1966, removidas de favelas de vários pontos do Rio, foram afastadas dos seus locais de trabalho e até hoje não



Cena de caça a bandidos.

encontram novas oportunidades de emprego nas redondezas. "De tudo que falta, o que mais falta é o mercado de trabalho" — diz um trabalhador.

Desde as quatro horas da manhã o largo da Cidade de Deus vai se enchendo de trabalhadores que buscam condução até o centro ou até a Gávea, onde pegam outro transporte até o local de trabalho. Gastam de ida e volta cerca de 35 cruzeiros. A maioria sai de casa às quatro horas e volta lá pelas oito da noite.

As quadrilhas dão "proteção"

Misturando-se à maioria de trabalhadores, marginais vieram para cá também, aproveitando-se de ser um local afastado.

Um velho morador esclarece: "As quadrilhas se formam e procuram criar um certo compromisso com a população. Por um lado, protegem os moradores de determinada área contra outras quadrilhas, e, por outro, usam a coação para que ninguém possa dar informações".

No início do ano passado houve uma luta violenta entre quadrilhas. Os moradores evitam os comentários sobre o assunto, mas é sabido que mais de trinta marginais morreram nesse conflito.

Os moradores reconhecem a criminalidade local, mas não aceitam a campanha contra a Cidade de Deus: "O problema é geral no Rio de Janeiro", dizem. Um deles conta que mora há mais de dez anos ali e nunca teve nenhum problema. No entanto, um seu amigo da Tijuca já teve sua padaria assaltada 12 vezes. No posto policial, o sargento mostra o livro de ocorrências e comenta: "Garanto que em Copacabana é até pior. O movimento aqui é parecido com o de todo lugar".

A violência é geral

Segundo a Secretaria de Segurança Pública, no Rio aconteceram 87 mil crimes em 1979, 10% mais que em 1978. Quarenta e quatro por cento das famílias já tiveram pelo menos um de seus membros assaltados e 33% foram vítimas de mais de um assalto.

As autoridades em geral respondem à criminalidade com o reforço da polícia. E esta acompanha a escalada da violência. O Esquadrão da Morte assas-

sinou pelo menos 4 mil pessoas na Baixada Fluminense nestes últimos 10 anos.

Mas o tratamento da polícia e da grande imprensa muda quando os personagens da violência são os ricos. Só uns poucos casos chegam a ser revelados. O assassinato da menina Araceli nunca foi esclarecido. Doca Street e Michel Frank até hoje continuam impunes.

Por que tanta violência?

O Rio passa por um processo de decadência econômica e social. Várias atividades industriais se deslocaram para outros locais e aumentou a dependência em relação ao governo federal. Entre julho de 1977 e agosto de 1979, o desemprego aumentou 70%, atingindo 300 mil pessoas.

A Cidade de Deus é parte disto. Quando eu estava num açougue, entrou uma senhora idosa, perguntando quanto custava 250 gramas de gordura. E acrescentou: "Eu já tenho arroz, macarrão e farinha, só falta a gordura".

A brutalidade das condições



Na Cidade de Deus, o clima de guerra prepara uma jogada imobiliária.

Criminalidade é pretexto para aumentar a repressão

Neste momento, aproveitando episódios como o do assalto ao cardinal de Porto Alegre, o governo empenha-se em uma campanha, ajudado pela Rede Globo e órgãos da grande imprensa, para preparar a opinião pública para o agravamento da repressão. Já se anuncia a adoção da prisão cautelar, pela qual pode-se prender qualquer pessoa por mera suspeita. Uma lei tipicamente fascista. Certos círculos defendem a pena de morte. E dá-se rédeas soltas aos esquadrões da morte.

O atual surto de criminalidade é o resultado direto da grande exploração e opressão que se abateram sobre o povo nos 16 anos de duração da ditadura militar que ainda se encontra no poder.

O brutal arrocho dos salários; a expulsão de milhões de camponeses de suas terras, que

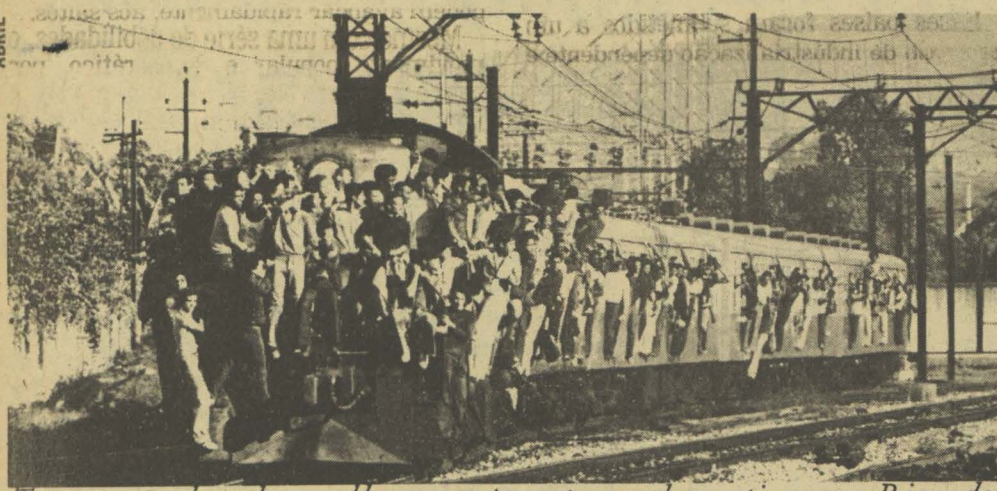
foram tomadas pelos latifúndios e agropecuárias; o deslocamento dessa grande massa de despojados para as grandes cidades, onde não encontram trabalho; a entrega da economia do país ao capital estrangeiro e aos monopólios nacionais, cujos lucros nascem da espolição dos trabalhadores; a miséria sem igual a que nosso povo foi submetido; estas são as causas da criminalidade. O próprio governo admite a existência de 25 milhões de menores abandonados. Condenados à fome, em abandono total, que alternativa lhes resta?

Depois de 15 anos de bárbaras violências policiais-militares contra os opositores políticos, contra criminosos comuns e contra o povo em geral, a ditadura encontra-se desmoralizada e sua polícia é repudiada por seus métodos ter-

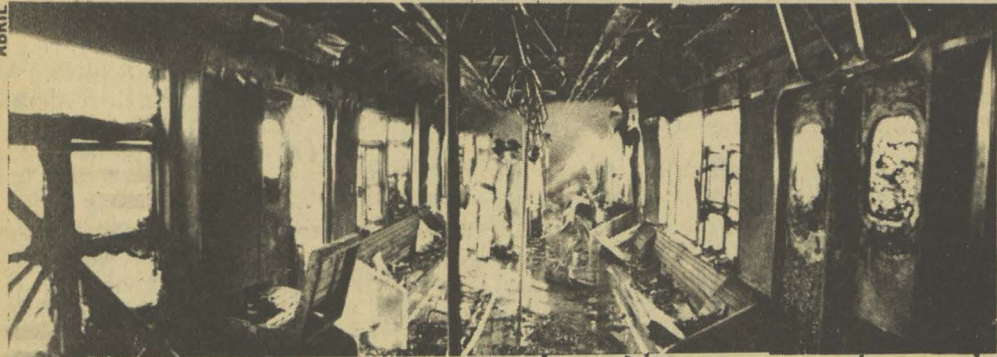
roristas. Diante disso, o governo procura aproveitar-se do agravamento da criminalidade para melhorar sua imagem e aumentar a repressão que, começando pelos marginais, volta-se sempre contra os trabalhadores que protestam contra a miséria, volta-se contra os opositores da ditadura.

Mas nem o governo, nem a grande imprensa se dispõem a enfrentar as verdadeiras causas do problema: a profunda desigualdade social em nosso país.

Não será a ditadura militar que fará isso. Somente o povo, através de um governo que defenda realmente os interesses populares, é que poderá dar soluções efetivas para esses problemas. Acabando com a desigualdade e com a miséria, não haverá mais criminalidade.



Trens superlotados, velhos, sempre atrasando, rotina no Rio de Janeiro.



A outra face da rotina: vagão destruído numa explosão de revolta popular.

Por que ocorrem os quebra-quebras

No início de dezembro, no Rio de Janeiro, milhares de passageiros revoltados depredaram, no espaço de uma semana, 19 trens e várias estações. No dia 27 mais um trem foi danificado. O Exército foi chamado para patrulhar as estações e o DOPS suspeita de "agitadores".

Quem já viajou num desses trens caindo aos pedaços, superlotados e sempre atrasados sabe o porquê das destruições. E quando se compara a situação de abandono em que se encontram os trens de subúrbio do Rio com as modernas avenidas, pontes e vias elevadas por onde rolam macios os automóveis, se entende quem é o responsável por tudo: o governo.

Atualmente, o Rio tem 48 trens novos e outros 220 velhos, dos quais 66 estão circulando desde 1937. Um maquinista contou que "os trens estão velhos e saem da

oficina de qualquer maneira, mesmo sem condições. Eles estão sacaneando a gente. Estamos ganhando uma miséria e depois levamos a culpa quando acontece algum problema".

Depois de algum acidente mais grave ou revolta dos passageiros, o governo promete soluções. Faz alguns remendos e muita demagogia, mas não resolve o problema. Joga a polícia contra o povo, com toda violência, coloca a culpa nos "agitadores". Mas continua sua política a favor das multinacionais do automóvel.

Na ausência de soluções efetivas, novos protestos ocorrerão. É o único meio de o governo ouvir o povo. Como disse uma passageira: "Eu não quero fazer tumulto, mas acho que o povo tem razão em quebrar o trem, pois só assim eles sentem que as pessoas precisam de condução decente". (Da sucursal do Rio de Janeiro).

Euler e Marina de volta a Goiás

"Meus filhos foram atingidos arbitrariamente por esse regime que está aí. Minha filha foi barbaramente torturada. Se falo que são torturadores, não é apenas por falar. Eu tenho as provas na minha filha, que traz no corpo as marcas das torturas". São as palavras de um velho camponês, goiano de Piraçanjuba, comovido até as lágrimas com a volta de seus filhos, Euler Ivo e Marina Vieira.

Duzentas pessoas foram ao aeroporto de Goiânia dar boas-vindas aos dois. Marina, ex-estudante de História, ficou conhecida pela valentia com que resistiu aos seus torturadores em 1970/71. Regressou agora de um exílio de sete anos. "Segui de perto o avanço do povo brasileiro, que me trouxe de volta — disse — e por quem agora estou aqui, reiniciando a luta".

Já Euler, ex-líder secundarista em Goiânia, eleito vice-



Marina com o pai, que acusa generais.

presidente da UBES em 1968, não saiu do país. "Fugiu para dentro". Ficou doze anos na clandestinidade, no campo e nas cidades.

Definindo-se diante do quadro político atual, os dois anistiados participaram de debates e concederam entrevistas à imprensa e TV locais. "Qualquer partido que partir para a organização das massas — disse Euler — será um partido forte. Essa manipulação de cúpula, discussões de cargo não definiram nada. A hegemonia está no povo. O fortalecimento está nas bases".

Renovação médica em Minas

De norte a sul do país está ocorrendo um movimento de renovação médica. Agora é a vez do Sindicato dos Médicos de Belo Horizonte. A chapa de oposição defende para o Sindicato um programa de 21 pontos, como: "Lutar contra todas as formas de mercantilização da medicina, que são resultado da política privatizante do INAM-PS e das empresas médicas que obtêm lucro com o trabalho médico. Pela participação efetiva e democrática dos médicos e dos vários setores da população na elaboração de uma política nacional de saúde que atenda aos reais interesses do povo. Integrar-se aos movimentos populares na luta pelas liberdades democráticas.

A eleição será no início de fevereiro quando esta visão renovada da medicina entrará em uma chapa apoiada pela atual diretoria.

“Façamos a revolução...”

Uma velha frase volta à moda refletindo a crise profunda e a necessidade de mudança.

Façamos a revolução antes que o povo a faça”. Não se passa uma semana sem que algum político do governo ou banqueiro ou industrial repitam de público essa velha frase, dita pelo matreiro político mineiro Antônio Carlos de Andrada, em 1930. Agora foi a vez do presidente do Senado, Luiz Vianna Filho. Por que esta frase está na moda?

Ninguém se iluda, há muita diferença entre a crise de 1930 e a atual. Mas há uma semelhança essencial: como em 1930, estamos numa encruzilhada. Há, da mesma forma, uma crise econômica do sistema capitalista mundial. A economia do Brasil está em crise. As condições de vida dos trabalhadores tornaram-se insustentáveis. O governo vigente vai mostrando sua impotência. As lutas operárias, populares e democráticas tomam crescente vulto. E as classes dominantes já não se entendem sobre como governar o país.

Abrir para não cair

Em épocas passadas, como em 1930 e em 1946, as classes dominantes conseguiram passar por crises sem precisar aceitar transformações na estrutura da sociedade, apenas fazendo mudanças superficiais no regime e concessões secundárias aos trabalhadores. Em 1974, dando-se conta da nova crise, do isolamento do governo e das divergências entre as próprias classes dominantes, o governo Geisel pôs em prática a política de “distensão lenta, gradual e segura”.

Apesar dos severos golpes, a ditadura militar não havia conseguido destruir o movimento democrático e popular. Assim, com o agravamento da crise, esse movimento ampliou-se e tomou impulso. As brechas que Geisel abria, para “soltar a pressão”, iam tornando-se insuficientes para conter o avanço da oposição. E isso se viu principalmente a partir de 1978, quando a classe operária passou por cima das leis da ditadura e iniciou o grande movimento grevista que continua avançando até hoje.

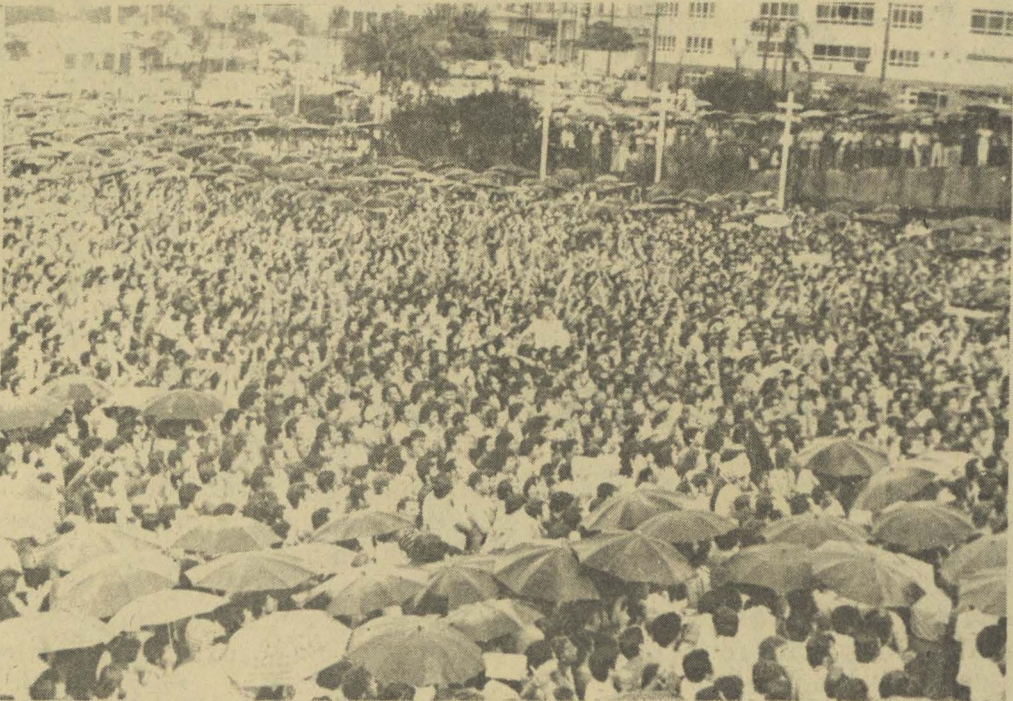
A distensão lenta foi ultrapassada e o sucessor de Geisel, Figueiredo, procurou andar mais depressa para não ser superado. Adotou a política da abertura restrita, mas rápida. A oposição popular continuou a crescer, com mais ímpeto ainda. Inicialmente, o governo conseguiu abrandar as divergências dentro das classes dominantes. A a ascensão de Delfim Netto ao Planejamento despertou um certo otimismo no empresariado. Mas, no final de 1979, diante do seu fracasso, as divergências haviam se aprofundado novamente. E parte da burguesia reivindicava mudanças mais profundas enquanto outros setores dominantes, inclusive dentro das Forças Armadas, defendiam a rígida manutenção da situação, sustentada pela volta do fascismo aberto.

Abertura restrita não resolve a crise do poder

Sobre a base da crise econômica, a insatisfação popular cresceu muito depressa, precipitando as lutas sociais (greves, protestos contra a carestia etc.) e impulsionando lutas políticas e a mudança da situação política em ritmo acelerado. Em janeiro de 1979 não se sonhava com o que aconteceu em março. Em março não se imaginava o que aconteceu em junho, setembro, novembro etc. Quantos se riram da hipótese de que os exilados iriam passar o fim do ano em suas casas?

Diferente de Geisel, que ignorava as bandeiras da oposição, Figueiredo tentou apossar-se delas, prometendo democratização, anistia, liberdade partidária, Constituinte etc., mas apenas para deformá-las, transformando-as em caricaturas. Seu objetivo: esvaziar essas bandeiras, dividir a oposição democrática e impedir a participação política da classe operária e dos outros setores populares.

Contudo, essas medidas limitadas vêm sendo atropeladas pelas lutas operárias e populares, que vão além daquilo que o governo pretendia conceder e começam a torná-las superadas. A reforma partidária é um exemplo, na medida em que não conseguiu unificar as classes dominantes em torno do governo e, sendo



A grande greve dos metalúrgicos de São Bernardo foi o ponto de partida.



Em rígida formação a polícia militar reprimiu os bancários gaúchos.

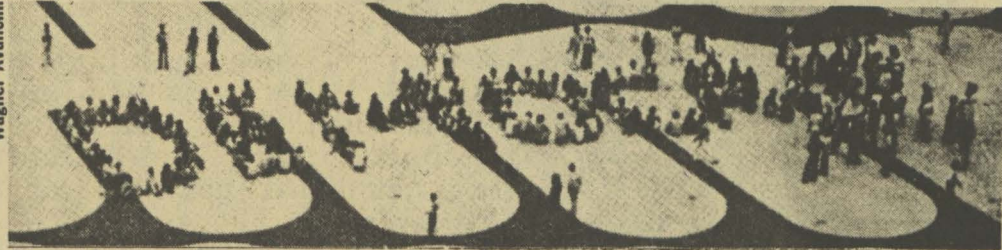


Minas: a rebelião dos operários

estrita demais, bloqueia a participação da oposição popular, que reage, continuando a lutar por uma verdadeira liberdade de organização partidária.

Onde está o elo mais fraco?

O regime militar está entalado. As mudanças que tem feito não são suficientes para resolver sua crise. A crise política está entrelaçada com a crise econômica. Setores das classes dominantes dizem que para realizar uma verdadeira política de “antecipação” seria necessário “fazer a revolução antes que o povo a faça”. Isto é, ceder a uma democratização mais ampla, não manter tão acentuado o caráter repressivo do regime, como está ocorrendo. E também seria preciso fazer uma “cirurgia” na economia, com o bisturi voltado contra o capital estrangeiro, no dizer do industrial José Ermírio de Moraes. E “cortar na



São Bernardo: grevistas desenham com seus corpos a palavra democracia.



A campanha pela anistia alcançou as ruas e mobilizou os democratas.

própria carne”, renunciando a uma parte dos lucros, diz Luiz Vianna Filho, pensando que se deve dar algumas migalhas aos trabalhadores.

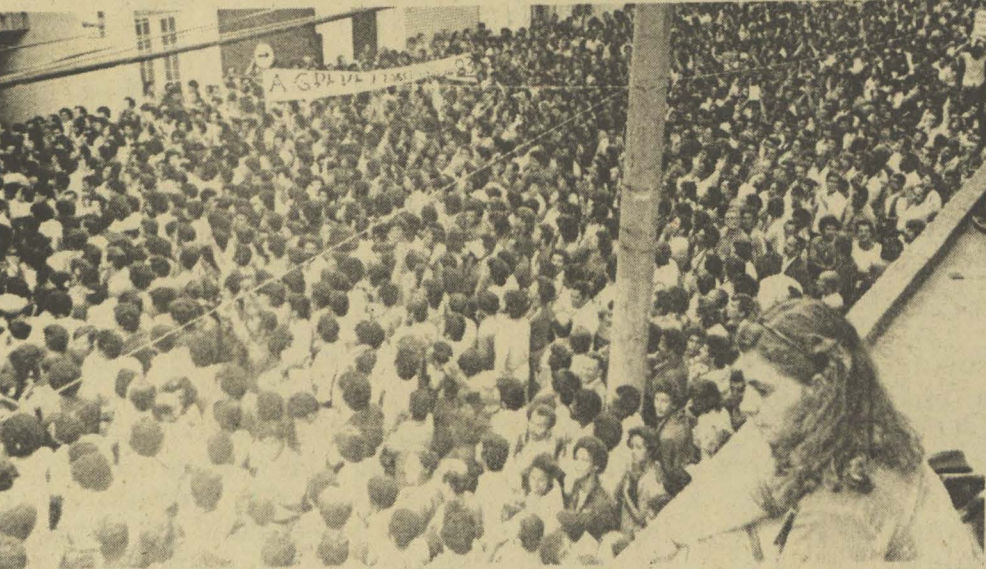
Mas isso o governo não faz. Ele tem feito algumas concessões políticas. Mas na área da economia não aceitou mudar nada. Mantém a mesma política econômica a ferro e fogo. Porque esse modelo econômico pró-imperialista foi a razão do surgimento deste regime, em 1964. É a sua base, a sua essência mais profunda.

É um modelo econômico dependente, que se desenvolve aprofundando a dependência. Assim, cada medida tomada para resolver a crise econômica acaba sempre por aprofundar ainda mais essa dependência ao capital estrangeiro. Isso não está acontecendo só com o Brasil, mas com todos aqueles países dependentes que o imperialismo escolheu como defensores de seus interesses e parceiros privilegiados nos vários continentes.

Esses países foram submetidos a um processo de industrialização dependente e de mudanças na agricultura, para a produção de exportação. O resultado foi a formação de indústrias locais de produtos de luxo, que causaram brutal endividamento externo e o empobrecimento do povo. A intervenção na agricultura impulsionou a expulsão dos trabalhadores do campo e a superpopulação das cidades.

No Brasil, um agravante adicional é a deficiência em petróleo. Mas o Irã, que foi submetido ao mesmo tipo de desenvolvimento econômico dependente, tem petróleo em abundância e nem assim se pôde evitar a crise e a revolução. Ironia — o próprio desenvolvimento econômico impulsionado pelo capital monopolista internacional está convertendo os seus pontos de apoio mais fortes, entre os países dominados, em alguns dos elos mais fracos da cadeia da dominação imperialista. Eis uma diferença em relação à crise de 1930: a crise atual do Brasil é muito mais grave.

A política de Delfim Netto irá agravar ainda mais a crise. É como um carro sem freios, numa ladeira. Só vai parar com uma trombada. A outra face dessa política, como se viu ao longo de 16 anos, é arrochar os trabalhadores. E isto é sinal de que nos próximos meses a situação do povo continuará a piorar. Diante disso, a continuidade das greves e de outras lutas populares é inevitável, até porque é uma



Apesar da sabotagem do pelego, metalúrgicos de São Paulo foram à greve.



Uma grande vitória popular: a posse da diretoria da UNE.



São Paulo: na greve dos bancários, a explosão popular.



SC: “João” dando socos e pontapes.

necessidade vital, uma questão mesmo de sobrevivência.

Um novo fator : a luta popular

O fator novo, que marcou profundamente o ano de 1979, foi o grande crescimento das lutas operárias, populares e democráticas. Com o número recorde de mais de 3 milhões de trabalhadores em greve durante o ano, a classe operária avançou no rumo de se tornar o centro do movimento popular e democrático. No quadro geral, as lutas de classe se tornaram mais destacadas. Em sua maioria, lutas econômicas, mas no aspecto político também se avançou, na medida em que amplos setores populares foram identificando no regime a causa dos seus sofrimentos e se convencendo de que este governo não resolverá os problemas do povo. As debilidades organizativas, o distanciamento entre o movimento operário e o movimento dos trabalhadores rurais e camponeses, não são aspectos desprezíveis, mas também não são insuperáveis dentro de um certo prazo. Sabe-se, além disso, que em épocas de crise a organização e a consciência política do povo podem avançar rapidamente, aos saltos.

Mesmo com uma série de debilidades, o movimento popular e democrático, por sua ação concreta, começa a mudar o eixo da política. Se, na continuidade de suas lutas, conseguir desenvolver sua organização e progredir no rumo de forjar sua unidade, elevando sua consciência política, o movimento popular conseguirá intervir decisivamente nos rumos políticos do país.

Hoje se vive este momento de forjar a unidade popular e democrática, tendo como eixo a classe operária, reunindo as organizações e movimentos populares e também aqueles setores parlamentares que se identificam com a oposição popular. Essa unidade pode adquirir uma forma organizativa que vá além dos estreitos limites da reforma partidária do governo e que unifique e organize a ação política dos setores populares fora e também dentro do Parlamento.

A crise econômica, social e política e o caráter antipopular do atual regime põem diante do movimento operário, popular e democrático, a questão do poder. Pois, se esse regime não resolve os problemas do povo, é necessário outro regime. Partindo das fábricas, sindicatos, de todos os locais de trabalho, das entidades e organizações democráticas e populares, esse amplo movimento poderá conquistar condições de ir às ruas defender a necessidade de um governo diferente do atual, um governo de unidade democrática e popular. (Carlos Azevedo).

É uma guerra contra os posseiros

Piacás e Alagamar, Paraíba:

Um dos maiores latifundiários do Estado, Valdomiro Ribeiro Coutinho, decidiu tomar a terra de inúmeros posseiros. Está jogando seu gado nas roças dos camponeses e fazendo ameaças para forçá-los a sair. No dia 28 passado, quando os posseiros promoviam uma reunião para discutir sua situação, foram atacados por destacamentos da Polícia Militar, que, em ação de extrema

Turmalina, no vale do Jequitinhonha, Minas Gerais:

Quinhentas famílias de posseiros continuam ameaçadas de despejo de suas terras. O juiz de Minas Novas determinou sua saída e autorizou o uso de força policial para despejá-los. Mas os posseiros resistem e há possibilidade de conflito. Essa situação está se generalizando naquela região em razão da entrada de agropecuárias e madeireiras, que vêm usurpando antigas posses de mil lares de camponeses. "Seu Vicente", lavrador na região, contou à **Tribuna Operária** que a vida do povo de Turmalina piorou dramaticamente desde o início da grilagem.

violência, jogou bombas de gás lacrimogênio e espancou inúmeros trabalhadores. Depois disso, os posseiros foram cercados e estão impedidos de qualquer contato com outras pessoas. De fora também ninguém pode entrar. São ordens do governador Tarcísio Buriti, que violam o direito que tem todo cidadão de ir e vir dentro do país. Entidades democráticas da Paraíba estão protestando.



"Seu" Vicente contra grilagem.

Luciara, Mato Grosso do Norte:

Trinta soldados da Polícia Militar perseguem, dentro da mata, 15 posseiros que há duas semanas resistiram a um ataque armado de jagunços na fazenda Paraguaçu. Do conflito resultou a morte de um dos jagunços. Agora a PM quer vingança, disfarçada sob o nome de "inquérito". Mas os camponeses não estão com medo. E

programaram para domingo passado um mutirão na posse de seu companheiro Alberto Gomes de Abreu, contra quem se concentram ameaças do latifundiário da fazenda Paraguaçu. O bispo D. Pedro Casaldáliga convocou a imprensa, parlamentares e democratas para irem à região intervir a fim de evitar mais violências contra os posseiros.

Cascata, Mato Grosso do Norte:

Na Cascata moram e trabalham umas 300 famílias, a maioria há mais de dez anos. Vivem da terra, vendendo feijão, milho, arroz, frutas e verduras na feira de Rondonópolis. Mas esse povo pacato não tem sossego para trabalhar. Um fazendeiro vizinho, com o apoio das autoridades, vive ameaçando e perseguindo os posseiros. Ele comprou advogados, comprou o cartório local e conseguiu uma ordem judicial para despejar os lavradores.

Mas os posseiros da Cascata não aceitam tamanha injustiça. Estão firmes e decididos a lutar pelo seu ganha-pão. Já fizeram uma passeata em Rondonópolis, com mais de 700 pessoas. E prometem que a luta vai continuar. "Nós podemos entregar nosso sangue para não sair, mas não saímos da terra", disse um lavrador presente na passeata.



Passeata de 700 na Cascata.

Ribeirão Bonito, Mato Grosso do Norte:

Na área onde o latifúndio assassinou o padre Burnier, os conflitos continuam. O sr. José Carlos da Rocha, lavrador no lugar, denunciou em Cuiabá que o grileiro João Evangelista já mandou até queimar a casa de um velho morador de 60 anos. E pôs fogo em duas roças.

Os lavradores se juntaram e

derrubaram um rancho do grileiro. Veio a polícia e prendeu seis pessoas, inclusive dois comerciantes do povoado. Mas os posseiros responderam no ato. Fretaram um caminhão e 36 pessoas foram até Barra do Garças. Disseram que só saem de lá quando tiverem uma solução para o problema.

Vale do Ariranha, Mato Grosso do Norte:

Nesta parte do município de Barra do Garças o litígio dos posseiros com a família Musa Teles já vem de longos anos. Por último, o grileiro mandou um grupo que se dizia da Polícia Federal, armado inclusive com metralhadoras, ameaçar os lavradores. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Alto Araguaia, Sebastião Rodrigues, teve sua casa cercada pelo ban-

do armado. Dezesete entidades — associações de bairros, sindicatos, órgãos estudantis, culturais, e diretórios do MDB de Mato Grosso — lançaram um manifesto de apoio à luta dos posseiros, referindo-se às lutas acima e identificando como responsável a política agrária pró-latifundiária do governo, a política do "Viva o boi e morra o homem".



Em Boca do Acre, 300 posseiros desarmaram a jagunçada, mostrando que a união faz a força.

Mutirão contra a grilagem

Eram sete horas da manhã de domingo quando foi dado o sinal de partida. O acampamento dos jagunços ficava a pouco mais de um quilômetro do local do mutirão, que reunia mais de 300 trabalhadores rurais. Havia também o acampamento dos peões, mais próximo. Os trabalhadores se dividiram em dois grupos e marcharam decididos enchendo o estirão da BR-317, à altura do quilômetro 38, no município amazonense de Boca do Acre. Contra as armas modernas dos jagunços, portavam apenas terçados e foices. "Não somos bandidos — diziam, como uma palavra de ordem — queremos apenas paz e justiça. Queremos fazer valer nossos direitos".

Mais de 100 haviam saído do Estado do Acre representando os sindicatos de trabalhadores rurais de Rio Branco, Sena Madureira, Xapuri, Brasília, Feijó, Tarauacá e Cruzeiro do Sul. Muitos caminharam mais de 400 quilômetros para chegar ao local do mutirão viajando de caminhão por estradas difíceis e já haviam passado por outras lutas pela posse da terra. Sen-

tiram-se em condições de dar exemplos, pois eram inclusive líderes sindicais.

Os jagunços correram abandonando armas e munições. Entraram na mata adentro perseguidos por cerca de 40 trabalhadores, enquanto a maioria destes cercava o acampamento procurando deter alguém. O apontador José Gonçalves Sobrinho não conseguiu escapar. No outro acampamento, os trabalhadores seguravam o empreiteiro Manoel Adriano e o apontador Gutemberg, decidindo levar os três para depor. Mais 20 peões foram capturados. Ninguém opôs resistência. O apontador José Gonçalves colaborou bastante, nomeando um por um os jagunços e apontando quem lhes fornecia armas.

Por volta das 10 horas da manhã a situação já estava calma e os trabalhadores voltaram ao local onde desde o dia anterior desmatavam. O mutirão foi organizado para ajudar as 36 famílias de posseiros da área, que viviam impedidas (pelos jagunços) de brocar e plantar. O trabalho foi desenvolvido

num clima festivo, de muita camaradagem. As mulheres dos posseiros preparavam galinhas com feijão e arroz para o almoço. Em qualquer das casas podia-se entrar e almoçar, inclusive as pessoas que foram detidas. Exceto as três escolhidas para depor, as demais foram autorizadas a abandonar a área. Eram peões contratados em Manaus pelo pseudo-proprietário das terras, o paulista Ueze Elias Zarhan.

Antes desse mutirão, todos os meios legais foram tentados pela Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura) e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boca do Acre para resolver a situação das 36 famílias de posseiros. Relatórios com denúncias foram encaminhados ao In-cra, ao governo do Estado do Amazonas, ao 4º Batalhão Especial de Fronteira. Na Justiça, os posseiros ganharam com a revogação de uma ação de despejo, mas os jagunços diziam que "você ganharam na Justiça mas vão perder na bala". (Condensado do jornal Varadouro, do Acre)

"Esses governos que estão por aí nunca farão uma reforma agrária"

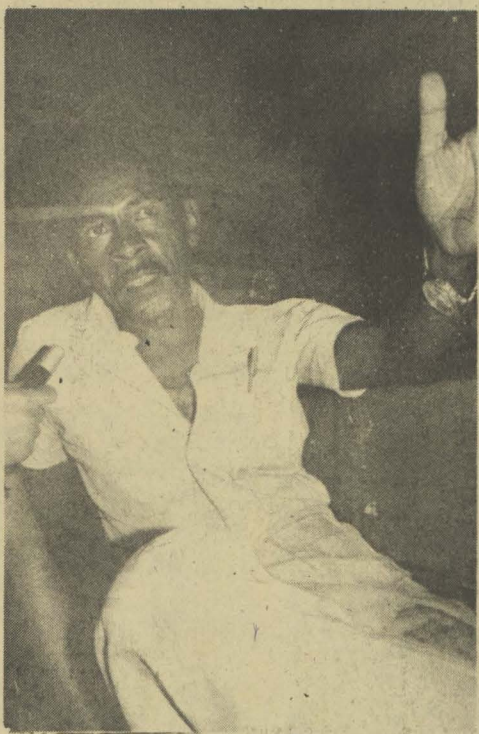
Realizou-se no final do ano passado mais um Encontro Regional de Oposição, na Bahia, desta vez em Jequié. A **Tribuna Operária** entrevistou na ocasião o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Iacu, Andreilino de Souza Sena.

TO — Que você acha desse encontro de oposições?

Andreilino — Estou gostando desse encontro de Jequié, porque aqui a maioria dos presentes são camponeses e estão tendo vez de falar o que pensam e podemos denunciar aqui as violências praticadas contra o homem do campo. É preciso que todos os camponeses aqui presentes voltem para suas bases e digam lá o que foi feito aqui e mandem outros companheiros no próximo encontro.

TO — Qual a situação hoje dos trabalhadores rurais em Iacu?

Andreilino — Iacu fica a 300 quilômetros de Salvador, e é o campeão das grilagens. É uma região onde somente em uma fazenda tem mais de 2 mil posseiros sendo que muitos deles já vivem lá faz mais de 50 anos, uma vez que já receberam a posse como herança dos avós e dos pais que lá viviam. Em 1975 a família Medrado disse ser dona das terras, mas que não ia expulsar ninguém. Mandaram que os posseiros continuassem plantando roça e que plantassem capim para eles. Esta foi a tática da família Medrado para expulsar os posseiros, pois quando o capim crescesse eles vinham e soltavam gado em cima destruindo as roças e obrigando os posseiros a saírem. Esta é também uma forma de grilagem. Como os trabalhadores entenderam e não aceitaram, os Medrados levaram a polícia para expulsar nós da terra. Todos os dias che-



Andreilino: cortando as cercas.

gava caminhão de polícia levado de Salvador e de outros lugares. Mas os trabalhadores se organizaram se uniram e avisaram — daqui só sairemos mortos — isto estamos fazendo, enfrentando os grileiros e seus jagunços. Queremos a posse da terra e quando acabar esta luta os trabalhadores vão entrar em outras lutas.

TO — Como é a questão da reforma agrária?

Andreilino — Faz tanto tempo que se fala em reforma agrária que o trabalhador, o homem do campo, já se convenceu da necessidade dela, e também de que esses governos que estão por aí não vão nunca fazer uma reforma agrária. Nós só acreditamos que a reforma agrária se a feita, se conseguirmos unir o povo, organizar os trabalhadores, para que todos lutem juntos para poder fazer a reforma agrária, porque o governo só dá terra às multinacionais.

TO — Como você acha que deve ser a atuação sindical hoje?

Andreilino — A gente vê ainda um movimento muito controlado. O governo ainda mantém os sindicatos dominados. As prestações de conta, ao invés de serem submetidas aos trabalhadores, são submetidas ao governo através das Delegacias do Trabalho. Os pelegos são protegidos dos governos e dos deputados, para servirem de curral de voto. O movimento sindical no Brasil só vai para frente quando os sindicatos dos trabalhadores forem organizados de maneira livre e independente do Ministério do Trabalho. No Congresso dos Trabalhadores (da Contag) feito lá em Brasília, os 1500 congressistas chegaram à conclusão que é preciso lutar por sindicatos livres e o Dr. Delfim Netto ficou muito irritado com as coisas que ouvimos de nós.

TO — Qual sua opinião sobre a Central Unica dos Trabalhadores (CUT)?

Andreilino — Esta questão foi muito bem discutida no Congresso dos Trabalhadores em Brasília, e ficou decidido que todos nós vamos lutar pela CUT, só que não ficou amarrado como é que vamos fazer para formar a CUT. Acho que enquanto existir esse sistema de governo que está aí, os trabalhadores não conseguirão fundar a CUT. É preciso fazer a união dos camponeses com os operários, a gente vê que são duas classes que produzem tudo. Os operários na cidade e os camponeses no campo e o que a gente vê, são os operários e os camponeses vivendo na miséria, sem direito a nada, enquanto os patrões, esses ratos de gravata, estão cada vez mais ricos. Portanto é muito importante fazer a união dessas duas classes para lutarem juntas, só que não sei ainda como é que vamos fazer essa união. (Da Sucursal da Bahia)

Exploração na Volks

Um grupo de operários da Volks fala da exploração

"Exploração não é só na Volks. É em todas as firmas. Como a Volks é maior, os problemas aparecem mais". Quem fala é um grupo de 16 operários da Volkswagen de São Bernardo do Campo.

O capital, um vampiro

A fábrica ocupa 150 hectares (83 de área construída), cortados por 11 quilômetros de ruas. Um mundo de concreto e máquinas.

Isto significa capital, muito capital, acumulado pela empresa às custas do trabalho de operários brasileiros e alemães.

Ora, a razão de ser do capital é explorar o trabalho alheio, para crescer, explorar mais, crescer mais, num círculo vicioso. O capital é trabalho morto, que, como o vampiro, só se anima sugando o trabalho vivo, e quanto mais ele suga mais alegre é sua vida. É o que acontece em toda empresa capitalista. A Volkswagen é um exemplo.

Exploração planejada

A Volks de São Bernardo vive e prospera sugando o trabalho de 40 mil pessoas (1.600 mulheres). A exploração é sistemática, minuciosa, implacável.

"Eles são estimulados a competir e não percebem que todos os seus gestos são medidos, cronometrados, interpretados, para que produzam mais e mais". A afirmação, do jornal "O Estado de S. Paulo", só erra numa coisa: os metalúrgicos percebem muito bem as tramóias da empresa.

Um deles denuncia: "Até o cardápio do refeitório é planejado. Tem um plano de alimentação para o operário render mais. O corpo da pessoa resiste mais ou menos uns cinco anos. Depois começam os problemas. Então o trabalhador

é substituído. Como uma máquina".

A taxa da exploração

A fábrica produz por mês 55 mil veículos, quase um carro e meio por trabalhador. Uma parte do valor criado serve para cobrir os salários. A outra é sugada pelo capital. Vai enriquecer os acionistas da matriz alemã. Vai pagar os super-salários dos diretores da empresa. Através dos impostos, vai sustentar também o Estado, guardião do sistema.

Este valor que o operário produz mas não recebe é a mais-valia, o segredo da riqueza do capitalista.

A taxa de mais-valia sobe de ano para ano na Volks. Resultado: enquanto os salários se arrastam sempre atrás da inflação, os lucros da empresa correm na frente. Entre 77 e 78 cresceram 147% (76% descontando a inflação).

E como se eleva esta taxa? O método mais conhecido é a redução do salário real dos operários. Mas há também o prolongamento da jornada de trabalho. E ainda o aumento da intensidade do trabalho.

Salário sempre menor

Um peão ganha 20 cruzeiros por hora na Volks. Um operador, de 30 a 40. Há quem diga que eles são uma elite privilegiada. Não é verdade. Os salários podem ser mais altos do que nas pequenas firmas, onde a exploração é mais primária. Mas são cinco vezes menores do que os da Volks alemã. E são salários de fome se comparados com os lucros da empresa.

Na última greve, os metalúrgicos de São Bernardo conseguiram um reajuste de 63%, um dos mais altos na época. Hoje, a carestia já o devorou.

Como o povo em geral, os operários da Volkswagen estão mais pobres do que há um ano. Muitos moram em favelas. E raros comem carne toda semana.

Jornadas de trabalho

O capital aplicado na fábrica precisa absorver constantemente mais trabalho. Máquinas paradas são capital morto, dão prejuízo. Por isso a Volks explora trabalho 24 horas por dia, sem parar.

Os operários se revezam por turmas, dia e noite, em dois ou três horários. "Os turnos de trabalho — dizem — acabam com nossa vida familiar e social, não permitindo que a gente estude e, o pior de tudo, acabando com a nossa saúde. A gente não dorme direito, não come direito e não consegue organizar as coisas".

"Veja o meu caso esta semana — relata um jovem metalúrgico. Chego em casa às três e meia da madrugada. Às quatro e meia minha companheira vai para o trabalho. Só nos encontramos no domingo, e no sábado, se não há hora extra".

A hora extra é outra peça-chave desse mecanismo. A empresa calculou friamente, na ponta do lápis, e concluiu: sai mais barato explorar menos operários durante mais tempo. Mesmo pagando a taxa adicional de 25% sobre a hora trabalhada (50% aos domingos). A rotina das horas extras ajuda a depreciar os salários. Permite economizar nos encargos trabalhistas. Contribui para manter um exército de trabalhadores de reserva. Assim, cada metalúrgico da Volks faz uma média de 80 horas extras por mês.

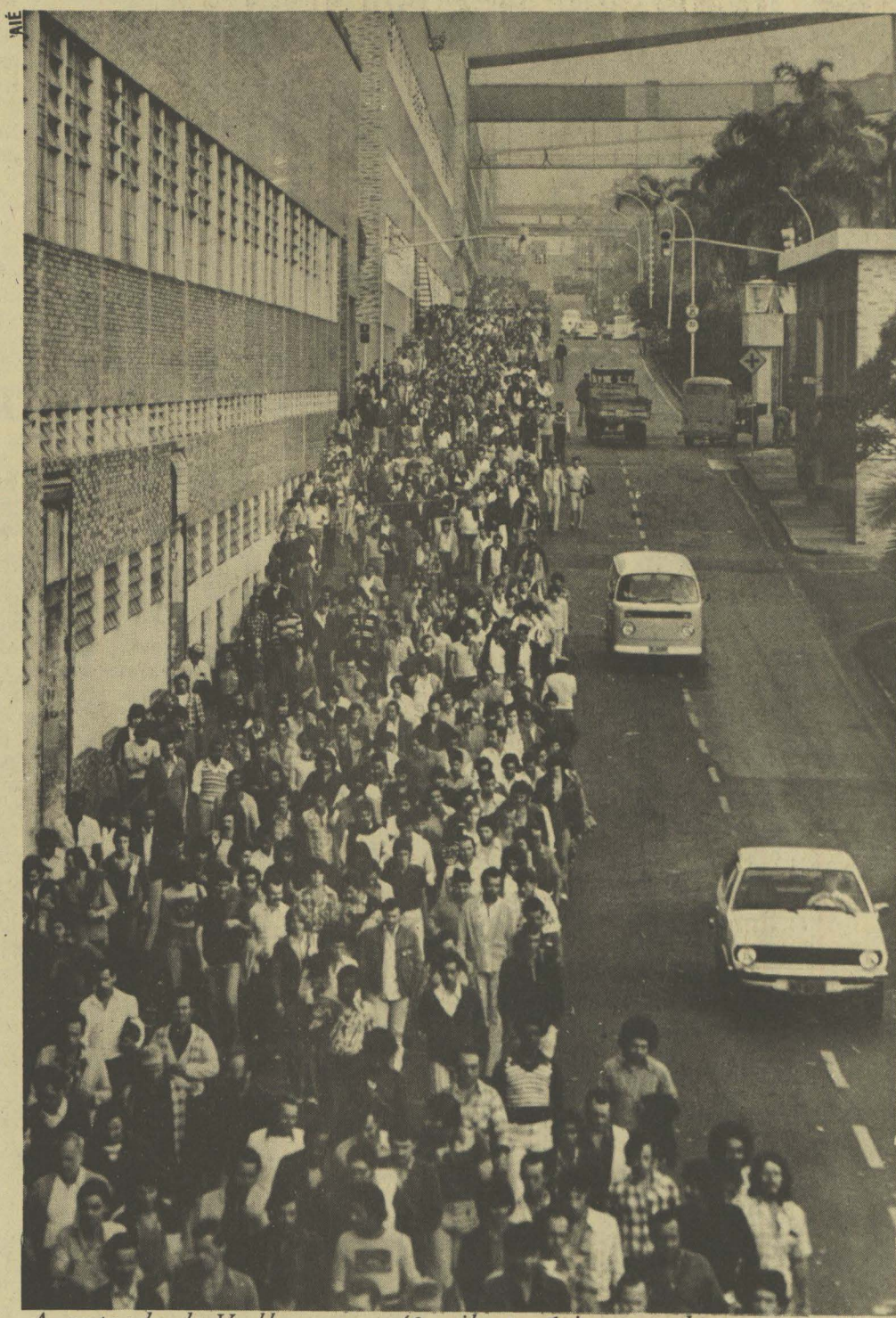
O ritmo da produção

O operário, assim como a máquina, não pode parar. "No meu setor — conta um deles — o café fornecido pela firma esfria e vai para o lixo, porque a chefia não nos deixa tomá-lo".

A cota de produção exigida aumenta sempre. Outro metalúrgico relata que em seu setor a chefia chegou durante um bom tempo a falsificar, para mais, a norma diária exigida de cada operário.

Este ritmo infernal de trabalho frequentemente custa caro. Os trabalhadores contam como um colega, operador de prensa, perdeu recentemente um pé: "Ele usava os pés para ajustar as chapas na máquina sem retirar as mãos dos comandos".

Outro exemplo trágico é lembrado pelos mais antigos na empresa: um operário da tempera, enlouquecido pela intensidade do trabalho, encurralado pelos guardas da segurança, mergulhou na massa de metal incandescente.



A entrada da Volkswagen: 40 mil operários que despertam para a luta.

Grças a esses recursos, a produtividade por trabalhador passou de 10,4 em 1971 para 14 em 1973. Para a multinacional alemã isto significa mais lucro. Para o metalúrgico, maior estafa, envelhecimento precoce, risco de acidentes.

Classe contra classe

Mas a Volks de São Bernardo não é só o maior centro da exploração capitalista no Brasil. É também a arena de uma luta de gigantes, entre duas classes antagônicas.

De um lado está a grande multinacional alemã. Uma sociedade anônima, um patrão sem rosto, mas insaciável, que arranca da fábrica um quarto de seus lucros em todo o mundo.

Do outro lado estão os operários. A própria ordem capitalista os reuniu, organizou e disciplinou. A greve de março-abril de 79 deu-lhes uma amostra de sua força.

"Ela abriu nossos olhos"

Pela primeira vez a Volks parou toda. "Na parte financeira — comenta um metalúrgico — a greve foi mal. Mas o maior saldo foi político. Ela abriu os olhos da gente". A opinião é unânime: apesar das prisões, das demissões às centenas, que continuam, a greve

valeu a pena. Há um traço de orgulho de justificado orgulho de classe, nos relatos sobre a paralização.

"Foi um marco histórico", diz outro. E realmente a história da Volks se divide em antes e depois da greve. Antes o Sindicato tinha uns nove mil associados na empresa; hoje tem 14 mil, informa Devanir, que saiu da Volks para a diretoria do Sindicato. O jornal do Sindicato dobrou sua tiragem e agora é lido com muito mais interesse. "O banheiro — conta outro metalúrgico — virou um mural. A segurança vai, limpa tudo, dois minutos depois está tudo florido outra vez. Tem gente que vai ao banheiro só para ler".

E para onde marcha esta luta, que agita não só a Volkswagen, mas todo o Brasil? A pergunta agita a roda de metalúrgicos, desde os veteranos da luta operária anterior a 1964 até os jovens recém-integrados na produção. E a resposta vem a várias vozes, como se estivesse na ponta da língua: "Isto aí caminha para uma revolução. Está todo mundo esperando. É a idéia de todo mundo". "E a primeira pedra já foi jogada". lembra um, pensando em Florianópolis. (Bernardo Jofilly).



Cena da greve de março/abril, ponto de partida para uma nova consciência.

Em Salvador os têxteis decidiram: "Vamos arrasar os pelegos".

Edson Sales, operário da Cobafi, um dos novos e combativos líderes operários da Bahia, deu entrevista à TO abordando os problemas dos têxteis e falando de sua candidatura à presidência do sindicato pela chapa 2, denominada "Fibra".

TO - Como é a categoria dos têxteis em Salvador?

Edson — O Sindicato dos Têxteis de Salvador existe há cerca de 50 anos e na década de 30 foi dos mais atuantes e combativos da Bahia. Só a partir de 1964 é que o transformaram numa casa de péssimo assistencialismo, promovendo jogos e transformando sua sede em criatório de passarinho. E o grande res-

ponsável por isso é o pelego que atende pelo apelido de "Madeira".

Hoje, na Bahia, existem mais de dez mil operários têxteis. Mais de 4 mil trabalham nas indústrias modernas do Centro Industrial de Aratu e do Polo Petroquímico.

TO - Como surgiu a chapa "Fibra"?

Edson — Foi a partir do dia 16 de agosto de 1979, quando nós formamos o grupo de oposição sindical, nos lançamos contra os pelegos e os patrões. Nessa ocasião, a assembleia era realizada numa sala onde só cabiam 30 pessoas. Essa era a tática do pelego "Madeira" para impedir maior concentração de operários no Sindicato. Os

pelegos foram surpreendidos com a presença de mais de 200 operários. Houve ameaça de greve nas fábricas e os trabalhadores conquistaram uma vitória depois de 12 anos: Cr\$ 1.000,00 fixos e mais 54,9%. O grupo de oposição sindical se lançou num árduo trabalho de contatos e mobilização em portas de fábricas e o resultado foi bonito: tivemos na última assembleia 2.500 operários presentes. Os pelegos suavam frio.

TO - E quais são os objetivos da chapa?

Edson — Propomos no nosso programa a transformação do Sindicato num autêntico sindicato combativo, que organize e mobilize os operários têxteis em defesa de suas reivindicações

econômicas e políticas.

Destacamos no programa de nossa chapa: "Fim do arrocho salarial, salário mínimo nacional, escala móvel a cada vez que o custo de vida aumentar 5%, estabelecimento de adicionais de periculosidade, congelamento dos preços de alimentos e artigos de primeira necessidade, negociação direta com os patrões, férias pagas em dobro, estabilidade no emprego, semana de 40 horas, fim das horas extras, controle dos trabalhadores sobre a segurança e higiene no trabalho, campanha permanente de sindicalização, criação do fundo de greve, revogação da CLT, fim do imposto sindical, pela criação da Central Única dos

Trabalhadores (CUT), pelo irrestrito direito de greve, pela anistia ampla, geral e irrestrita".

Estamos conscientes da dureza da nossa luta para arrasar os pelegos nessas eleições, pois já enfrentamos algumas perseguições. Estamos em mutirão percorrendo as fábricas nos três turnos, distribuindo o programa da chapa e conversando com os companheiros, tomando conhecimento de tudo que está acontecendo. Vai ser duro enfrentar a repressão e a corrupção dos pelegos dirigidos por "Madeira". Mas trabalhador jamais será vencido e nós vamos arrasar os pelegos. (Da Sucursal da Bahia).

Fala o Povo

Uma seção aberta aos explorados, aos oprimidos, aos injusticados, aos que lutam pelos interesses do povo em todo o Brasil. Envie suas cartas, diretas e concretas, sobre os fatos que o povo precisa conhecer.

Escrevam para a rua Beneficência Portuguesa, 44 - sala 206 - CEP 01033, São Paulo. E para a rua Joaquim Silva, 11 - sala 307 - CEP 20241, Rio de Janeiro. (Olivia Rangel)



Solidariedade operária a um jornal operário

Sou operário metalúrgico e tenho gostado imensamente da Tribuna Operária. Há muito tempo que a gente precisava de um jornal assim.

O governo vive falando que a gente não pode fazer política nos sindicatos, mas ele mesmo sempre faz política apoiando os pelegos nas diretorias de nossas entidades de classe. E agora, para ajudar os pelegos estão aparecendo estes conciliadores, que estão contras as greves e a favor do acordo com o governo. Os esclarecimentos que saíram neste último número do jornal sobre esse assunto foram muito importantes.

Eu e mais quatro colegas tivemos uma reunião e resolvemos for-

mar um grupo de amigos da Tribuna Operária. Vamos dar todo o apoio e discutir o jornal com os colegas do trabalho. Resolvemos também mandar todo mês uma contribuição de Cr\$ 400,00. Quando um tiver apertado os outros ajudam, mas vamos sustentar esta mensalidade.

Fazemos um apelo aos colegas de todas as fábricas para que discutam e formem também grupos de amigos da Tribuna Operária. O jornal da nossa classe deve ser levado à frente pelas mãos dos operários. Se todos se unirem, nossa voz vai ser ouvida. (F.S., pelo grupo de amigos da Tribuna Operária de Caxias, RJ)

Gráficos: ao sindicato para expulsar os pelegos

Não é de agora que sentimos a necessidade de um jornal que desse voz ao trabalhador e acompanhasse sua luta. Já estamos fartos de engolir todas as mentiras dos livros, jornais e revistas que nós imprimimos. Sempre procurando desmoralizar a luta da nossa classe. E nós sentimos isso na pele no ano passado, quando grande parte dos gráficos estava em greve. Os jornais que os patrões conseguiram pôr nas bancas diziam as maiores mentiras, noticiavam até mesmo o fim do movimento e um acordo que só existia na cabeça deles. E nessas horas que a gente vê a importância da Tribuna Operária, um jornal que acompanha a luta do povo e ajuda a fortalecer a união de todos os trabalhadores, mostrando nossas experiências e discutindo nossos problemas.

E problemas é o que não nos falta. Atingidos duramente pela repressão desencadeada com o golpe de 64, vimos o nosso sindicato ser sempre ocupado por uma diretoria empenhada em lutar contra os interesses dos trabalhadores.

Foi por causa de tudo isso que alguns companheiros abandonaram a luta, achando que o sindicato não presta pra nada e que enquanto os pelegos não forem expulsos nem é bom chegar perto. Com isso, não querem saber de sindicalizar mais companheiros, divulgar as assembleias, participar das comissões. Tá certo que a diretoria não é flor que se cheire e é justo que os companheiros mais combativos devam estar na direção. Mas se os pelegos comem na mesa dos patrões, se são traidores, quem tem que sair são eles e não nós. E a melhor forma de expulsá-los é fortalecer o sindicato e

não esvaziá-lo. E isso já começa a acontecer. As greves do ano passado e a campanha deste ano mostram a vontade de recuperar a combatividade do passado, quando os gráficos estavam na frente da luta por melhores salários e contra a alta do custo de vida.

Prova disso também é o programa da Chapa 2 para as eleições realizadas entre os dias 2 e 5 deste mês. Os companheiros deixam claro que não são oposição ao sindicato mas à atual diretoria; propõem que os salários sejam reajustados trimestralmente e lutam pelo fortalecimento do sindicato, defendendo uma campanha permanente de sindicalização, a unificação das database e a organização de Comissões por Empresa. Defendem ainda a construção da Central Única dos Trabalhadores, são pelo congelamento dos gêneros alimentícios de primeira necessidade e querem os gráficos participando do Mov. Contra a Carestia.

Além dessas propostas, os companheiros da Chapa 2 lembram que a luta por um sindicato forte e reivindicativo é inseparável da luta de toda a sociedade pela democracia.

Os pelegos e seus aliados não pensam o mesmo. Tudo o que querem é manter seus privilégios. E desta vez parece que conseguiram. Nestas eleições, a Chapa dos pelegos foi vencedora, devendo ser realizadas outras apenas por falta de quórum, mas muitos companheiros já vêem necessidade de mudança e não vão desistir de lutar por seu sindicato e por melhores salários, mesmo sendo chamados de aventureiros pelos traidores. (Um gráfico de São Paulo - SP)



Montes Claros: sindicato vai nascendo na luta

No sentido de também participar do nosso jornal, resolvi prestar a vocês algumas informações.

Resido na cidade mineira de Montes Claros. A cidade tem sido agraciada com os incentivos do governo através da SUDENE e outros. (...)

Indústrias com departamentos de produtos químicos não pagam insalubridade. (...) Nada é feito em benefício dos operários que ali trabalham.

Condução aqui? É na base do antigo pau-de-arara. Aumento, nem o do governo. E quando e quanto eles querem dar.

Mais um detalhe: levantou-se alguém em meio a tantos abusos e tomou uma decisão: criar um sindicato. E estamos lutando. Só que quando os jornais anunciaram o registro da Associação, o presidente provisório da mesma foi despedido. E os demais membros que trabalhavam na mesma firma começaram a sofrer toda sorte de pressão.

Estamos agora empenhados em conseguir o número necessário de associados para que, passado o prazo exigido, tenhamos nosso sindicato. (...) Estou sempre lendo este

nosso jornal e gostaria de fazer comentários. Mas digo apenas que um jornal como esse todo trabalhador deve ler, porque só através dele as poucas vergonhas da burguesia são esclarecidas. (...)

Chegou a hora do trabalhador botar a boca no trombone; estamos em época de mudanças.

Prezados companheiros: a firma que despediu nosso presidente é de origem francesa e chama-se "Peugeot". Gostaria que vocês fizessem seus comentários e críticas a respeito da mesma.

Existe também aqui um tal de "acordo de cavalheiros" entre as firmas, principalmente as que vieram de fora, que impede o operário que é demitido de uma trabalhar em outra. Como vêem, não podemos trabalhar onde queremos e nem podemos dar o grito.

Houve há poucos dias um movimento de greve, sem sindicato sem nada para apoiar, numa fábrica de confecções, a TOK; a diretoria abafou comprando os jornais que publicaram o fato, saindo somente a reportagem da rádio. Gostaria de receber informações além de algum material sobre direitos, leis e outras coisas concernentes ao trabalhador. (J.P.F.G. Montes Claros, MG).

Esperança

Pedra dura água mole e assim devemos ser até que um dia a pedra dura terá que amolecer.

Como pode o povo rico ser feliz e tão nobre se a riqueza vem da terra vem do trabalho do pobre?

Como pode o povo pobre ser feliz sem ter destino se a moradia é um barraco

em terreno clandestino?

Como pode o povo bom sentir paz e alegria se o trabalhador da roça é chamado bóia fria?

O nosso povo é enganado pela malvada ganância esse povo já cansado de viver na espera

(Moisés, São Paulo, SP)

Trapaça: a tragédia do camponês que virou bóia-fria

Eu morava lá na roça meu sítio lá na paioa tinha tudo que eu queria tinha porco, galinha e gado, e dois cavalo Bragado que era o chodô da família

Nosso sítio era pequeno cinco alqueire mais ou menos mais dava pra gente vivê uma divisa no Ispigão e a outra no Ribeirão com água pro gado bebê.



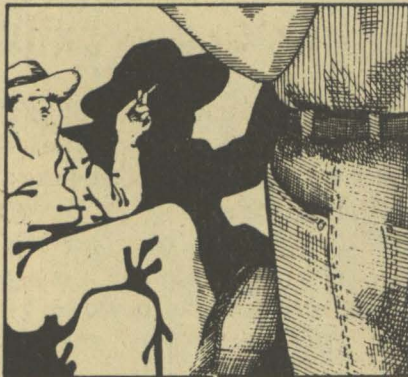
Minha família, era eu e a companheira Maria Tião, Benedito, Alice e Josia. Tudo tava muito bem Nós plantava, nós coia e vendia, nós tinha o nosso pão de cada dia sem precisá de ninguém.

No ano passado coiei muito mantimento cheguei pensá num momento que nós ia enriquecê. Pensei em aumentá a prantação fazê um financiamento bão prantá e muito coê.

Recebi a visita de um vizinho fazendero que falou o tempo inteiro nesse tal financiamento que eu aumentasse a prantação ia ter mais produção um grande melhoramento

(Me falou o fazendero:) — Você arrenda na minha fazenda cinco alqueire na bacheda a terra tá um pouco cansada mas você põe fertilizante. Você já viu na propaganda hoje os ministros manda

prante que o governo agarante.



Eu fui no banco indicado que o vizinho tinha falado, prá fazê o financiamento. Me recebeu o gerente delicado e cortezmente um ótimo tratamento

Arrendei mais terra de prantá naquele viva esperança de uma grande produção. Meus planos deu tudo errado tudo que eu tinha prantado não deu quase nada não.

Chega o dia do pagamento de pagá o financiamento. Eu fui falá com o gerente, aquele que no ano passado me recebeu tão delicado e me tratou cortezmente.

— Óia, sinhô gerente O sinhô não vai ficar contente com o que eu vou li falá. Hoje é dia do pagamento daquele financiamento e eu num posso pagá.

Me respondeu o gerente Arrogante e importante: — Não vai cumprí o combinado! Não se esqueça que no momento que você assinô os documento seu sítio ficou hipotecado.

Eu quase morri de tristeza daquela dura surpresa uma trama inexplicável. Compreendi que o fazendero em trama com banqueiro me tornou miserável.

— O sinhô não esprica nada fais prá mim essa cilada e sorri feliz e contente. Não vê que a sua trapaça me jogô numa desgraça! Pois eu te mato, gerente!



(O gerente:) — Seu moço não faça isso, você assinô um compromisso em livros claro da lei. Você pára com essa amiaça me acusando de trapaça ou te boto no xadrez!

Refleti por um momento e desisti daquele intento de acabá com o gerente. Pensei em nós todo organizado, operário e camponês aliado num futuro logo à frente. — Hoje a lei está do teu lado, uma vez o barco virado você num vai ser mais gerente!

Enfrentei a realidade perdi minha propriedade ou melhor, meu patrimônio; minha família na desgraça parecia que essa trapaça era fruto do demônio.

Vim morá cá na cidade perdemos a liberdade que nós tinha lá na roça. Agora eu sou bóia fria ganho 50 por dia que vida triste a nossa!

Agora eu levo uma marmita pequena e muito restrita às vez tem arroz e feijão; não é que nem antigamente que comia uma comida quente tirada do caldeirão. Sempre tinha uma misturinha carne de frango ou galinha

ou pedaço de leitão.

— Aqui na favela da cidade nós vive num desconforto eu me sinto quase morto, eu não sou mais nada não. Sou mais um, das vítimas da sociedade que com sua crueldade fiquei sem terra e sem pão.

Eu agora estou ficando quase louco estou morrendo pouco a pouco, já não tem mais valia. Todos meus filhos já não obedecem mais nem parece que eu sou o pai tudo virô anarquia.



A minha fia Alice que era tão bela e tão bonita já não é mais senhorita nem madame nem senhora. E uma qualquer que vende seu corpo por dinheiro aumentando meu desespero estou morrendo a cada hora.

Sou um João ninguém eu já não tenho nem nome meus filhos passando fome. Eu me sinto um desgraçado essa sociedade madrastra que só ajuda quem tem mais e massacra cada vez mais quem trabalha e é honrado

Companheiras e companheiros do sertão e da cidade está e a realidade de um homem e de sua família prestem atenção e guardem bem na memória esta uma, das mil histórias dos milhões de bóias fria!

(João Chile, São Paulo, SP).



Aqui vive o operário. "aquele que faz esta máquina andar".

Povo do Jardim Maia contra o abandono

Desde o primeiro número estamos acompanhando com interesse o aparecimento deste jornal que quer ser o porta-voz da classe operária, num país em que esta classe é tão marginalizada e sem voz. (...)

Se possível gostaríamos que publicassem sobre o que estamos fazendo aqui no Jardim Maia, distrito de São Miguel Paulista. Como a foto mostra bem, precisa ter coragem para sair nas ruas aqui em dia de chuva. Infelizmente, milhares de trabalhadores são obrigados a enfrentar isto muitas vezes por semana, em muitas semanas do ano! Do lixo, nem se fale, pois isto já faz parte da periferia de São Paulo. Não é preciso falar no estado de doença em que se encontra o nosso povo. Alguém já chegou a dizer que São Paulo é um grande hospital e eu diria que São Miguel é um grande Pronto Socorro. Diariamente vemos nos jornais notícias sobre assaltos, mortes, violências, epidemias e toda sorte de marginalização que ocorre por esses lados de São Miguel.

Diante disso, o povo daqui resolveu fazer um grande abaixo-assinado para pedir o mínimo necessário para se viver decentemente: a coleta de lixo, cascalho, guias e sarjetas para as ruas e asfalto para uma avenida em que passa uma linha da CMTC (Companhia

Municipal de Transportes Coletivos).

Dia 9 de dezembro realizamos uma assembleia num dos pontos mais abandonados do bairro, convidando o Administrador Regional e alguns parlamentares populares. Como era de se esperar, o Administrador não veio, pois não é fácil enfrentar o povão, principalmente quando este está reclamando seus direitos. Mas a participação popular foi muito boa. Havia mais de 500 pessoas de cinco bairros e ali o povo pôde falar! Reclamamos contra a mudança da capital, contra a carestia e principalmente contra o abandono em que se encontra a periferia de São Paulo.

Após o ato, saímos em passeata pelas ruas abandonadas da Vila, gritando várias frases como: "Tem que acabar, tem que acabar, a podridão deste lugar", que aliás foi o refrão de uma das canções feitas pelo pessoal daqui e cantadas com muito sucesso na assembleia.

Como não tínhamos máquina para tirar algumas fotos da reunião, enviamos outras que mostram bem a situação em que nos encontramos. (...) Acho que é importante mostrar onde é que vive o operário aqui em São Paulo, aquele que está fazendo esta máquina andar! (B.P. — São Miguel Paulista, SP).

Pensam que os trabalhadores devem morrer de trabalhar

Quero fazer um apelo para que seja feita fiscalização na Siderúrgica Camargos. Lá é uma falta de responsabilidade muito grande. A começar pela higiene: não temos bebedouros suficientes, quando tem, a água é suja e morna. As instalações sanitárias são verdadeiros chiqueiros e os chuveiros são raros. Além da higiene, tem também a insegurança: não tem material de proteção suficiente e quando fazem fiscalização, o defensor da firma só aponta as seções menos poluídas. Toda a turma dos altos fornos da Camargos não tem instalação sanitária e nem banheiro. São dois fornos, mas só um tem bebedouro. Além destas condições, a firma

não paga a insalubridade e o salário, que é ridículo, atrasa sempre uns vinte dias. A indústria cresce nas mãos dos operários e em compensação ela esconde os lucros e a sua legislação é contra os trabalhadores. E nesta situação que temos que agüentar as covardias dos diretores e a burocracia dos encarregados que pensam que os trabalhadores devem morrer de trabalhar em favor da firma. Os encarregados pensam que o salário deve ser bom só para eles. Pensam que a miséria que a gente ganha está boa ou até sobrando. E no caso de despejar um funcionário, eles fazem de todo modo para

o funcionário pedir a conta ou fazer acordo que prejudica o trabalhador. E assim que trabalham os quase 400 operários da Siderúrgica Camargos de Divinópolis. Falta tudo e a assistência médica é a pior possível. Nós já estamos cansados disto tudo. O pior é que o Sindicato dos Metalúrgicos de Divinópolis só tem pelego que não olha pra isso e não se preocupa com a gente.

A gente fez greve e conseguiu alguma coisa. A gente sabe que deve continuar lutando pra ver se muda isso tudo.

(J.M.A. - Divinópolis - MG)

Theo

Buscasse
A liberdade em amor
Aos homens
Arrepios me percorrem o corpo
em pensar por que trilhas
tu percorres...
cada esquina
um sobressaltocada
cada olhar
um estremecimento
mil corações a ti só estreitam
mil mãos te conduzem
ao próximo lar
mil láres te acolhem
eternos
corações
incógnitos
que em ti espelham
em cada companheiro
tombado

Para Theodomiro Romeiro dos Santos
Grigorim, Salvador - BA.

Governo leva Hospital São Paulo à crise

O Hospital São Paulo, da Faculdade Paulista de Medicina está passando por uma séria crise, por não receber verbas dos seus conveniados (INAMPS, MEC etc).

Essa crise não é de agora, vem se acentuando devido à diminuição de verbas destinadas à saúde e educação e ao desinteresse total do governo na subvenção de hospitais, prejudicando assim a classe mais pobre, os trabalhadores, que não possuem recursos para dispor de serviço médico. (...)

E por isso que nós, funcionários do HSP, que somos os maiores prejudicados com a crise, junto com os residentes e alunos, reivindicamos maior participação na administração do Hospital, para que nossos interesses e os da população sejam atendidos.

Mas a alta cúpula desse hospital, além de impedir a nossa partici-

pação, nada faz para que ele receba a subvenção dos convênios a que tem direito ou então exija do governo essa subvenção.

Com isso, devido à péssima administração do hospital, nós, funcionários, estamos novamente com os salários atrasados e só recebemos metade do 13º salário, que mal deu para pagarmos nossas dívidas. (...)

Alguns funcionários tentaram abrir crediário em algumas lojas e este foi negado, por serem funcionários do HSP. Muitos foram obrigados a sair de férias; e o que mais os aflige é não saber se quando voltarem terão seus empregos de volta. Dois funcionários foram demitidos por participarem da assembleia de 27 de novembro, realizada pela Associação de Funcionários do HSP, que tem a finalidade de lutar pelos direitos de

seus associados.

O que ocorre, na maior parte dos setores do hospital, é que alguns funcionários mais categorizados fazem parte desta máfia administrativa e pressionam seus subalternos a não participarem das assembleias, sob ameaça de desemprego. (...)

Temos que garantir nossos direitos. Exigimos: salários em dia; garantia de nossos empregos no retorno das férias; participação na administração e a não demissão de funcionários arbitrariamente.

E só conseguiremos isso unidos, com a vinculação de todos os funcionários à AFHSP, que foi criada há pouco tempo, mas vem lutando por uma causa justa: melhoria das condições de vida e de trabalho de seus funcionários. (Associação de Funcionários do Hospital São Paulo - SP)

Gabriela, 8 anos: a vida é dura mas a gente gosta da vida.

A vida do povo é difícil. Sabe que tem gente morrendo só por causa da fome? Não tem dinheiro para ter um pouquinho de conforto. Por isso, nós todos temos que ler jornal, para saber o que está acontecendo no mundo e vermos o que podemos fazer.

As novelas são uma porcaria. Sabe por quê? Porque não mostram a vida do povo. Eu vou dar um exemplo para vocês: a madame Clô, da (novela) Marron Glacê, acham que existe? Só se existir na Venezuela ou em outro país. (...)

A vida do povo é muito diferente: lutando, trabalhando e quebrando o pau. Por isso, eu acho que ninguém deve ser egoísta. O governo mata e tortura operários; por isso nós queremos liberdade, um pouco de liberdade.

A vida é dura, mas às vezes a gente gosta da vida. (Gabriela - 8 anos - Santo André - SP)



ilustração da criança, enviada por um operário da COSIPA. Santos, SP



Firma faz o que quer

Há várias fimas metalúrgicas e outras que se mudaram de São Paulo para Embu Guaçu, para fugir um pouco da lei e dos movimentos. Elas fazem o que querem, porque os operários não têm condições de se unirem e fazerem qualquer movimento.

Inclusive em uma firma que eu trabalho, por mínima coisa eles chamam a atenção dos funcionários, dão suspensão, carta de advertência, mandam embora sem direito a nada.

Esta é a minha declaração. (P.B. M'Boi Mirim, São Paulo)

Apoio à Tribuna Operária

Já era tempo de no Brasil existir um jornal que fosse realmente a Tribuna da Luta Operária e que, sem censura e sem meia-conversa, denunciasse tudo o que ocorre no Brasil e no mundo e que é de interesse da classe operária e onde o povo pudesse falar o que pensa. Este jornal agora existe! Queremos deixar nosso apoio à Tribuna Operária e nos comprometemos a ser um dos divulgadores desta luta. (Casa do Estudante de Garanhuns - PE).

Nos faltaria um dever de lealdade se aqui, respeitosamente, mas

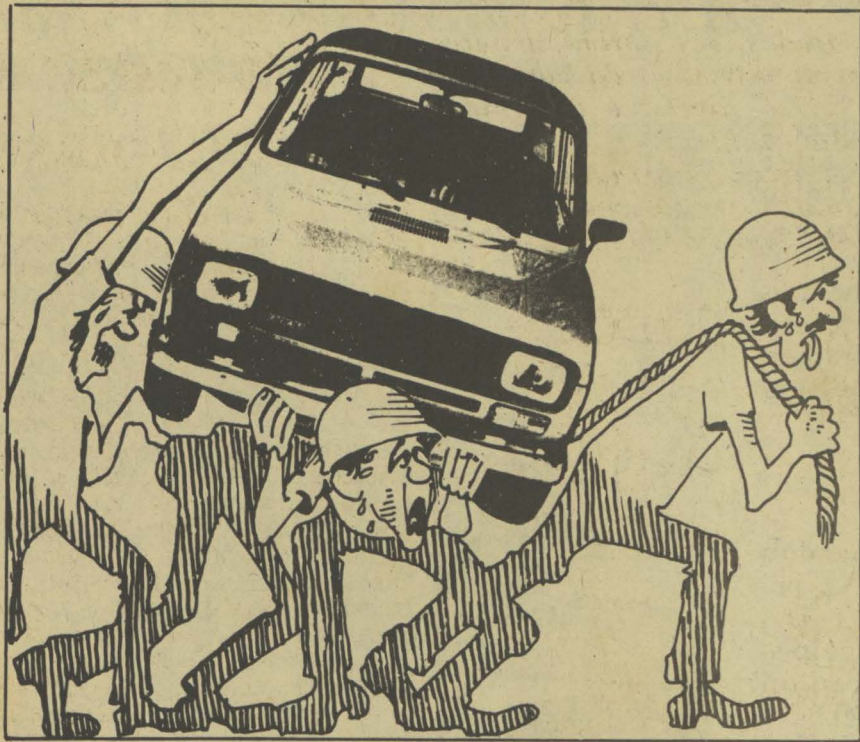
com franqueza, não viéssemos trazer nossa irrestrita solidariedade aos bravos companheiros pelo nascimento da Tribuna Operária, que acreditamos ser um jornal dos explorados e oprimidos de todo o Brasil e que veio fortalecer nossa luta contra o imperialismo norte-americano e seus agentes internos.

Ao mesmo tempo, levamos nossos pesames aos nobres companheiros das oposições populares pelo desaparecimento físico do inesquecível patriota Diógenes Arruda Câmara. Sua bandeira continuará erguida nas mãos das massas populares, contra a fome, contra a

miséria contra a violência e contra os responsáveis por tudo isso, que são os golpistas de 1964. (J.P.L.A. São Luis, MA)

Na qualidade de operário, venho pela presente solicitar a fineza de remeter-me informações de como devo proceder para receber o magnífico jornal da classe, a Tribuna Operária. (J.C.S. Cruz Alta, RS)

Gostariamos de ver a possibilidade de uma assinatura do jornal Tribuna Operária ou alguma forma de recebermos periodicamente o jornal. Um forte abraço. (Centro Pastoral Vergueiro, São Paulo, SP)



Ponte e Balão sufoco na Fiat mineira

Depois da greve a Fiat mandou muitos companheiros embora e até hoje ela continua oprimindo os operários que ainda continuam na fábrica.

Atualmente os problemas que mais têm revoltado os companheiros dentro da fábrica são as advertências, os balões e as pontes que são feitas sem consultar os operários da produção.

Muitos companheiros às vezes necessitam de uma dispensa para irem a enfermaria, ao Benefício ou mesmo para resolver um problema de emergência, e geralmente essa dispensa é negada. Isto causa muita revolta, e assim acontecem discussões e brigas com os chefes que sempre querem arrancar maior produção dos operários e acabam dando advertência e balões para os companheiros que não têm nem direito de reclamar.

Outro problema sério que vem acontecendo é o das pontes. A Fiat ultimamente vem marcando pontes e obrigando os operários a pagarem nos sábados, justamente quando os companheiros estão mais

cansados por trabalharem a semana inteira num ritmo acelerado. Quando ela quer fazer pontes consulta apenas os companheiros do escritório os operários da produção, que são os que ficam nas pontes nunca são consultados, pois a direção da empresa sabe que se fizer isto ninguém fica.

O que a Fiat quer é nos explorar o máximo e nos tirar até as horas de descanso e de lazer, pois os feriados são dias de descanso da rotina cansativa da fábrica. As advertências e suspensões são medidas que a Fiat não pode tomar quando quiser e recorre a isto para mandar embora sem direitos. Nós não podemos deixar que eles continuem agindo dessa forma. Devemos procurar discutir com os companheiros, nos unirmos e aumentar nossa organização para rejeitar essas injustiças que a Fiat vem cometendo. Recorremos ao Sindicato, que é nosso órgão de luta, pressionarmos a diretoria para ela tomar uma posição e irmos também ao Ministério do Trabalho. (De um operário da Fiat, Contagem, MG).

Comerciários: nos garfaram 20 por cento

Tendo em vista as dificuldades que afetam nossa classe, achamos necessário divulgar mais manobras feitas contra nossa categoria. Bem, o problema é que passamos um fim de ano diferente, o povo deixou de fazer seus gastos de costume devido ao arrocho salarial e à alta do custo de vida. Com isto o comerciante comissionista foi bastante prejudicado e, para completar, o sindicato, através de sua diretoria, boicotou uma assembleia, tirando a possibilidade de colocar nossa proposta para o próximo dissídio em 1 de março de 1980. Vejam de que maneira trabalha essa diretoria: fizeram um "apanhado", traçaram as propostas depois de prontas chegam até nós perguntando se tínhamos algo a acrescentar.

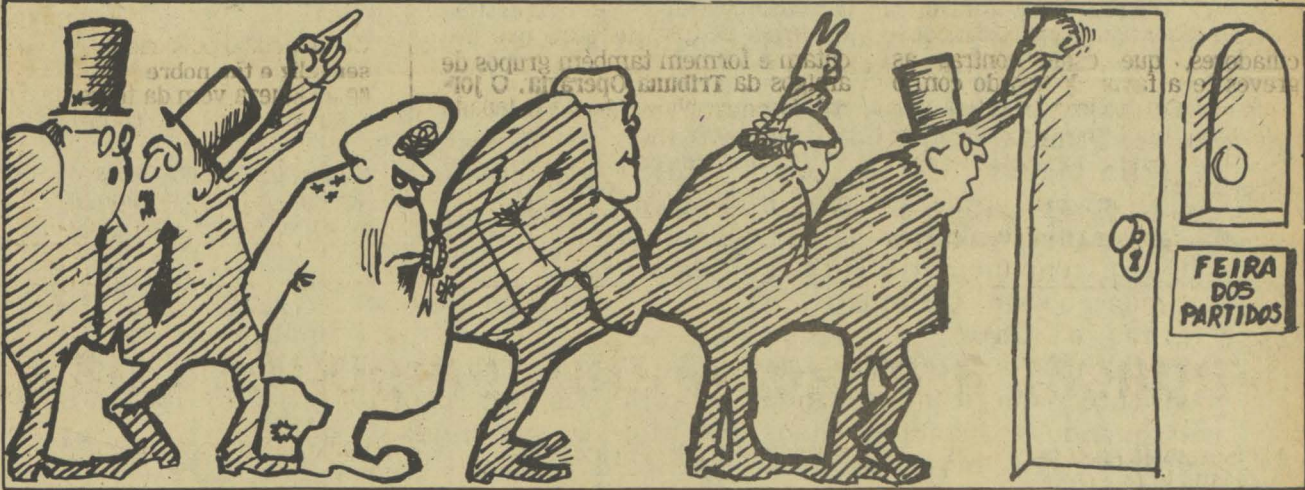
E o comerciante foi mais uma vez passado para trás. Sem contar com a alteração do horário de fim-de-ano, quando trocamos o dia 23.12.79 pelo dia 31.12.79 a qual o sindicato aprovou a proposta patronal a seguir sem consultar ninguém.

Trabalhamos 6 horas no período de 10 às 16 horas com direito a lanche gratuito no período de 13 às 14, trabalho contado como extra adicionando 30% sobre média de dezembro. A proposta do sindicato e conhecida por nós vem a seguir:

Trabalharíamos 4 horas no período de 9 às 13 horas recebendo hora extra sobre média de dezembro adicionando 50% sobre hora trabalhada.

Vejam bem, nos garfaram em 20% sobre a hora trabalhada, aumentou o período de trabalho e tentando enganar-nos inventaram um tal "lanche" que na prática não tivemos. Companheiros. Não podemos permitir essas manobras! Vamos nos unir! Vamos nos orientar! Vamos lutar!

(Comissão de luta dos comerciários, Belo Horizonte, MG.)



Partidos repartidos

Saudações e meus agradecimentos por terem publicado minha reportagem sobre o Vale do Jequitinhonha, em sua íntegra.

Aqui vai minha visão sobre os Partidos Repartidos:

(...) O que a gente precisa não é de ninguém vestido de esquerda ou direita. Chega de rótulos! O povo precisa é de gente do povo, cuja única ideologia seja a justiça, a igualdade e liberdade para todos; e quem quiser lutar com o povo, que desça de seus pedestais e, de mãos dadas, caminhe com as massas rumo a melhores condições de vida. Porque essa burguesia que a gente colocou lá no Congresso até hoje só tem feito o que o governo deixa. Morrem de medo de perder a cadeira. (...)

O valor de um partido não está na sigla, mas na coragem e honestidade de seus membros de fazerem coisas práticas para o povo. Se vai lutar no campo, ao lado dos camponeses, por uma reforma agrária; nas fábricas, ao lado dos operários, por uma nova estrutura sindical. Por isso, hoje mais do que nunca a gente tem de saber em quem podemos confiar. Para não acontecer erros passados, quando povo confiou em elementos que se diziam de esquerda, mas que na hora H deixaram-nos no meio de botas e ferros.

O que devemos fazer é nos organizarmos em casa, nas ruas, nos bairros e no campo, e lutar por um partido dos trabalhadores, que não seja apenas de nome nem de pessoas que põem uma gravata e vão para o Congresso ganhar às custas do povo. Companheiros, o momento é de luta e não podemos dormir no ponto. Se a gente não aproveitar a janela semi-aberta chega um novo palhaço pintado de anjo e joga nos sonhos pelo chão. O momento é de uma solução rápida e essa solução só servirá se for da gente. O povo é o remédio para o povo. A luta é árdua mas não é impossível. (B.P. Belo Horizonte, MG)

Por que a extinção dos partidos

Faltava no país um verdadeiro jornal operário, independente e democrático, de combate à ditadura fascista. Este espaço foi preenchido com a fundação do Tribuna Operária. (...)

Gostaria que publicassem o artigo "Por que a extinção dos Partidos?" que acompanha esta. (...) O jornal "Folha Jovem" de Aramarí (BA), congratula-se com a fundação do Tribuna Operária. A seguir, o artigo:

O exemplo mais gritante da abertura do governo, da mão estendida de João Figueiredo, é a extinção sumária dos partidos políticos; o governo deu o golpe fascista e conseguiu extinguir o MDB, que da Lei Falcão senadores biónicos, governadores de prova, dentro de pouco tempo chegaria ao poder. Quantos 15 anos de opressão exploratória, miséria, fome, a Nação terá de suportar até que a oposição se torne alternativa de poder?

Já estão chegando o clímax a violência, a truculência, a imoralidade política que envergonham a Nação e ultrajam a tradição democrática do povo brasileiro. (...) Não teremos partidos funcionando antes das eleições de 1980 e teremos as eleições prorrogadas para 1982. Com isso, o governo se manterá no poder sem perder uma só prefeitura.

Aramarí também será prejudicada, porque terá governantes impopulares governando contra a vontade do povo, que os elegeram só por 4 anos. (...) Daí a necessidade de, na próxima eleição, a oposição de Aramarí, organizada num partido popular, lançar candidatas a prefeito e a vereador, porque se tivermos um só verdadeiro representante do povo na Câmara de Vereadores, ela não continuará sendo centro de tramóias e compactuações políticas.

(G.C.D. Aramarí BA)

Rio: corrupção na faculdade

Os alunos da Faculdade Veiga de Almeida, do Rio de Janeiro, estão em greve contra as elevadas anuidades e outras irregularidades verificadas na escola. Enviaram-nos documento do qual transcrevemos trechos:

"Nesse momento histórico da vida da nossa faculdade, em que unidos estamos em greve em defesa da nossa dignidade e até da nossa própria subsistência (...) exigimos:

Nossa participação na gestão e na administração da faculdade, a qual sustentamos com nosso dinheiro. (...)

O direito de saber quanto gasta a Escola em salários com professores e com o pessoal da Administração. (...)

Exigimos uma comissão de inquérito instituída pelo Ministério da Educação, da qual possamos participar, para apurar o fenômeno

monstruoso e imoral das reprovações maciças, (...) a indecência e o esbulho de milhares de alunos repetirem por cinco, oito e até dez vezes diversas cadeiras, pagando sempre, caracterizando-se uma indústria de reprovação. (...)

Exigimos a apuração da indignidade de cursos onde vão se amontoando alunos como num chiqueiro ou como num curral, apenas para impedirmos de avançar, porque a Escola não tem nem laboratório nem condições de promovê-los para a cadeira seguinte. (...) Exigimos das autoridades a apuração dessas práticas criminosas, o afastamento do magistério dos que compactuaram com esse tipo de delinquência. (...) Exigimos que a Escola indenize os alunos vítimas desse abuso. (...)

Os alunos unidos - Faculdade Veiga de Almeida, RJ)

Afeganistão, Irã, EUA, URSS: BRIGAM OS GRANDES, SOFREM OS PEQUENOS

A crise no Sudoeste Asiático se agrava e abre uma nova fase de guerra fria entre as superpotências.

"É uma ameaça extremamente séria à paz", disse Carter sobre a intervenção militar da União Soviética no Afeganistão. "São exatamente as ações imperialistas dos círculos governamentais norte-americanos que estão criando ameaças à paz", respondeu a agência TASS. É o sujo falando do mal lavado.

A agressão soviética

A URSS diz que mandou tropas ao Afeganistão "a pedido do governo do país". Trata-se do governo do golpista Karmal, que depôs e fuzilou o golpista Amin, que depôs e fuzilou o golpista Taraki. Seu apoio é um partido que não passa dos cem membros. Afora, é claro, os 50 mil soldados soviéticos. Sem eles, Karmal não se agüentaria muito tempo diante da contestação armada nas montanhas.

A opinião pública mundial condenou a agressão, em termos ainda mais duros do que a invasão da Checoslováquia. Brejnev encontra cada vez mais dificuldade em apresentar ações deste tipo como "ajuda internacionalista".

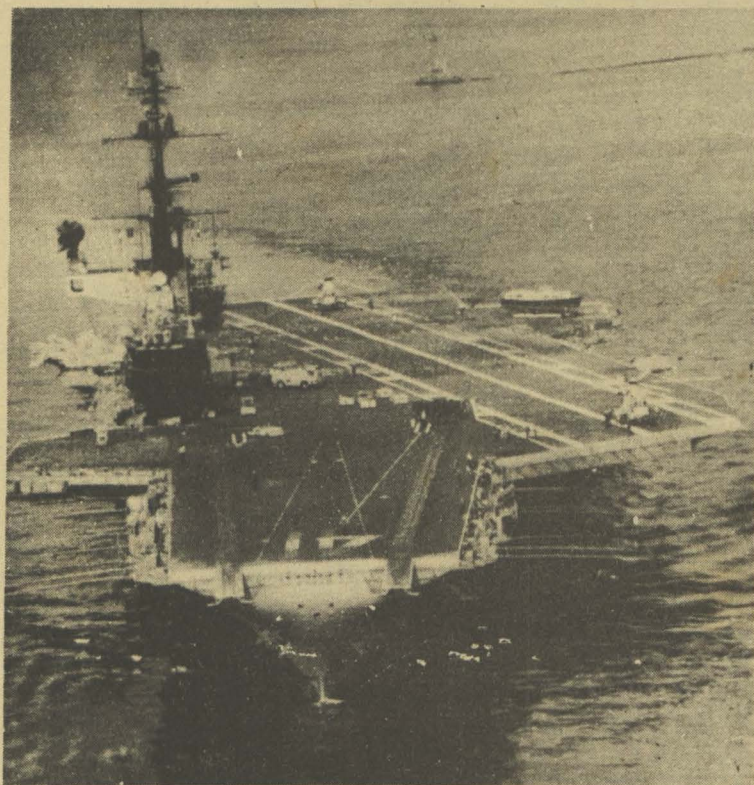
Mas a resistência afegã à invasão estrangeira luta em nome da religião e do anticomunismo, sob forte influência de caciques feudais reacionários. E os Estados Unidos tratam de usá-la em proveito próprio, com ajuda da China e do Paquistão.

Hipocrisia americana

Carter suspendeu as vendas de trigo americano à URSS. Adiou a aprovação dos acordos "Salt 2" com Moscou, sobre a "limitação" das armas estratégicas. Ameaçou até boicotar as Olimpíadas de Moscou. Tudo isso em nome da "paz" e da "soberania dos povos".

Quem tem memória curta e já esqueceu São Domingos, o Vietnã, o Chile, etc., que acredite na sinceridade do presidente americano. Ainda mais quando os Estados Unidos também estão movendo suas peças para uma intervenção militar na área.

Mais de 20 unidades da marinha de guerra americana, inclusive porta-aviões nucleares, rondam a costa do Irã. Uma histeria guerreira, atizada pela imprensa, toma conta dos Estados Unidos. O secretário da Defesa, Harold Brown, está em Pequim, numa visita de nove dias. Foi acertar a colaboração Washington-Pequim, "tanto no



O porta-aviões Midway, agora próximo do Irã, junto com outras 20 belonaves americanas.



As tropas soviéticas no Afeganistão: desmascara-se mais uma vez o "internacionalismo proletário" de Brejnev e Cia.

plano da diplomacia como na defesa". Além disso, a Casa Branca decidiu armar fortemente o Paquistão, também seu aliado.

Com a invasão soviética do Afeganistão, Washington passa a ter bons pretextos para uma escalada das medidas contra o Irã. Pode dizer que foi aberto um precedente, que é necessário responder à URSS, reestabelecer o equilíbrio estratégico e até que é necessário "defender" o Irã...

No fundo, o petróleo

Por baixo das acusações mútuas e das declarações de bons propósitos, cada superpotência busca ampliar sua área de influência. E seu empenho é tão grande porque ali, bem pertinho, estão os poços de petróleo do Golfo Pérsico, a maior bacia petrolífera do mundo. O petróleo é o pomo da discórdia.

A revolução iraniana privou os americanos de uma importante posição na área. E abalou muitos regimes parecidos com o do xá, que ainda dominam países da região. Carter trata de recuperar o terreno e o petróleo perdidos. Não quer deixar um vazio que possa ser preenchido pela URSS, o pior ainda, pelas forças antiamericanas da região.

Por sua vez, a União Soviética enfrentará escassez de petróleo ainda nesta década. Isso aumenta seu apetite pelas jazidas do Golfo. E também o interesse, que vem da Rússia dos tzars, por uma saída es-

tratégica para o Oceano Índico.

A China, por sua vez, está na jogada do lado dos Estados Unidos. Ajuda os americanos a influir sobre a resistência afegã. Tem a esperança de conquistar posições às custas da URSS, seu inimigo número um. E também de receber modernas armas de Carter.

Há perigo de guerra?

Guerra, de certa forma, é o que não falta hoje no Sudoeste Asiático. Há a guerra entre as tropas soviéticas de ocupação e os rebeldes muçulmanos no Afeganistão. Há o envolvimento militar dos americanos, dos chineses e paquistaneses no conflito afegão. Há a guerra fria (pelo menos até agora) entre os Estados Unidos e o Irã. Há os combates com minorias étnicas ou religiosas dentro do Irã. Isto sem falar dos choques de fronteira mais ou menos

recentes entre o Irã e o Iraque, entre a Índia e o Paquistão, entre a Índia e a China.

Até agora as confrontações armadas tiveram caráter local. O atrito entre as superpotências não significa que o mundo já esteja próximo de uma guerra global. Mesmo assim, a opinião pública do planeta volta a tomar consciência deste risco. O próprio presidente da França, Giscard d'Estaing, levantou a possibilidade em seu discurso de ano novo.

Interesses de rapina

Há muitos fatores influyendo no desenvolvimento da crise. A resistência dos povos agredidos, do Irã e do Afeganistão, tem seu peso. Atrapalha os planos dos agressores. A atitude dos trabalhadores e dos povos do mundo pesa também. Eles repudiam as guerras de rapina.

Além disso, Estados Unidos

e União Soviética têm interesses opostos, mas também interesses comuns. Já tiveram outros atritos, às vezes sérios, e terminaram se entendendo.

De qualquer forma, fica o alerta. Quando as superpotências começam a trocar acusações de "ameaças à paz", é porque tanto uma como a outra aceleram realmente os preparativos guerreiros. Uma guerra entre elas cobraria dos trabalhadores de todo o planeta um tributo incalculável, feito de sangue e sofrimento. Os pequenos, os explorados, seriam as vítimas maiores da disputa armada entre os superexploradores. Os países dependentes seriam forçados a alinhar-se, num ou noutro bloco, para lutar por interesses que não são os seus. Os trabalhadores teriam de matar-se entre si, apenas para satisfazer a ambição de seus patrões.

Um amontoado de conflitos

1. A URSS, que sonha com uma saída para o Oceano Índico e quer controlar a "rota do petróleo"...
2. Invadiu o Afeganistão, com 50 mil soldados de elite, mas encontrou uma resistência encarnizada.
3. Por sua vez, os EUA enviaram para a área uma frota de 20 navios de guerra para pressionar...
4. O Irã, que acaba de sair de uma revolução e agora desafia Washington, exigindo a extradição do ex-xá Reza Pahlevi.
5. O Paquistão, vizinho do Afeganistão e também do Irã, vai ser fortemente armado pelos EUA.
6. A China também entrou na dança, do lado dos norte-americanos e contra os soviéticos.
7. No pano de fundo de tudo, está o petróleo do Golfo Pérsico, a maior bacia petrolífera do mundo.
8. A Índia, outra grande nação da área, entrou em conflito com a China, na década de 60, e com o Paquistão, na de 70, por questões de fronteira.

o mapa da região conflagrada



Petróleo era nosso

O ministro das Minas e Energia, César Cals, anunciou que todo o território nacional está aberto para que empresas particulares, estrangeiras ou não, pesquem e explorem petróleo. Disse que as empresas que encontrarem poderão ser pagas em petróleo. Essa decisão significa que o governo deu o golpe final no monopólio estatal de petróleo. Pela lei do monopólio, que é de 1953 e foi conquistada pelo nosso povo após uma dura luta, somente a Petrobrás podia explorar petróleo.

Em 1975 o general Geisel impôs à nação os contratos de risco para firmas estrangeiras explorarem petróleo.

As petroleiras só poderiam perfurar em alguns lugares. Teriam uma participação no petróleo encontrado, mas só receberiam em dinheiro, não em óleo etc. Agora, todos os disfarces acabaram. O país está aberto ao saque das petroleiras. A soberania nacional rasteja.

Governo usa petróleo como bode expiatório

O governo insiste em jogar sobre os árabes a culpa da crise econômica. Mas a culpa está dentro do Brasil, no modelo econômico atual, que desperdiça petróleo e contraria os interesses nacionais.

Para fazer funcionar sua economia, o Brasil necessita importar atualmente cerca de um milhão de barris de petróleo por dia. Em 1980 vamos gastar cerca de 10,5 bilhões de dólares para importar todo este petróleo, ou seja, algo em torno de 450 bilhões de cruzeiros. Se esta quantia fosse distribuída ao povo brasileiro, daria para dar um salário mínimo a mais para todos, inclusive velhos, mulheres e crianças.

Petróleo é caro?

Certos jornais dizem que o petróleo está muito caro por causa dos árabes, que aumentam seu preço a cada dia. Isto não é correto. O que os países produtores de petróleo fazem é defender o preço de sua matéria-prima. Enquanto o petróleo estava barato, nenhum dos países industrializados pensava em economizar este combustível e gastava-o inutilmente. Houve época em que um

barril de petróleo, que tem 159 litros, custava menos que um quilo de café. Agora que os exportadores de petróleo se uniram para defender os preços de sua matéria-prima, passou a custar cerca de 30 dólares o barril, ou seja, o equivalente a 8 quilos de café.

Quem mais consome petróleo no mundo são os Estados Unidos. Eles produzem em seu território 9 milhões de barris por dia e importam mais 9 milhões dos países que têm óleo para exportar. Toda a sociedade norte-americana e dos países ricos foi estimulada a consumir muito petróleo. Também no Brasil estimulou-se o consumo de petróleo para atender aos interesses das grandes empresas, sobretudo as montadoras de veículos motorizados, que obtiveram lucros fabulosos nos últimos vinte anos.

E preciso outro modelo

Para que o Brasil consiga superar esta dependência do

petróleo é preciso redefinir sua economia. O povo deve decidir o que se vai produzir, como produzir e em benefício de quem será destinada a produção. Enquanto não se processar a mudança do modelo econômico, a dependência do petróleo continuará servindo de pretexto para que o governo adote medidas restritivas justificando os fracassos econômicos com base neste bode expiatório.

O desemprego, os baixos salários, a fome não dependem só da alta do petróleo, como muita propaganda oficial faz crer. É possível produzir mais alimentos, pagar melhor ao trabalhador, dar melhores condições de vida e de transportes sem ter que depender tanto do petróleo. Mas, para isso, é preciso que todo o povo participe do processo decisório e imponha outro modelo econômico, que não permita a exploração das multinacionais e dos grandes proprietários. (Jair Borin)

Solidariedade operária

Os operários das siderúrgicas inglesas estão em greve nacional, por aumento salarial de 16 a 17%. É a primeira greve geral da categoria desde 1926.

A batalha tem sido dura. A burguesia britânica, espremida pela crise, joga todas as suas dificuldades sobre os trabalhadores. E conta com todo apoio do governo conservador anti-operário. A primeira-ministra Margaret Thatcher, "a dama de ferro" trata realmente com mão de ferro os trabalhadores.

Mas os grevistas contam com um grande trunfo: a solidariedade proletária. Os ferroviários decidiram bloquear todos os carregamentos destinados às siderúrgicas. E a Federação Internacional dos Trabalhadores nos Transportes propôs um boicote mundial ao transporte de aços para a Grã-Bretanha.

Esta solidariedade, que não conhece fronteiras, é um dos pontos mais fortes do movimento operário.